

HERÓI E HEROÍNA

(peça teatral em 1 Ato)

Autor : Juarez Porto

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025



HERÓI E HEROÍNA  
de Juarez Porto

Ato Único



Abertura

À noite. No palco, à esquerda do público, junto a um sinal de parada de ônibus, de costas, estão três atrizes, tem livros nas mãos. Música. O grupo está imóvel e não fala. (tres tempos) À esquerda entra um carrode papalão desenhado como uma obra infantil, dois atores carregam-no como se estivessem dirigindo-o, imitam o motor com a voz. Tem um az estúpido; Olham para as colegiais "paquerando-as", param o carro do lado direito, "essem" e começam a fazer sinais convidativos a elas. As atrizes conti- num impassíveis durante algum tempo, de repente, num movimento rápido e inesperado, sempre de costas para o público, com um uivo e um gesto fe- rino elas rechamam os dois atores, que voltam ao carro de maneira trágica como se estivessem feridos, e saem desta vez imitando o som de um mo- tor que falha. As atrizes voltam à posição inicial. (tempo) Entram duas prostitutas caricatas no ritmo da música, postam-se no lado direito, to- num uma atitude sensual exagerada e imobilizam-se. Novamente entra o car- ro (pode ser outro). Mesma cena de antes, porém quando vão parar notam as prostitutas que movimentam-se convidativas, elas fazem uma careta e partem rapidamente. As prostitutas, tristes, assumem a posição sensual de antes e permanecem estáticas. As outras murmuram algo como uma prece. As prostitutas soluçam. (tempo) Outro carro entra, o mesmo que acontece na cena anterior. Um mendigo surge na platéia catando lixo no chão, mur- murando coisas imperceptíveis; tem tiques nervosos, ri por nada e obser- va tudo atentamente. Porta uns sacos e sacolas onde coloca tudo o que - ncontra, lentamente, vaga de um lado para outro na sala, aos poucos a- proxima-se do palco. Não citaremos mais esta personagem durante o texto, sua atitude cênica ficará a cargo da direção e do ator; ele tem intei- ra liberdade desde que não interfira inconvenientemente no trabalho dos demais. À medida que o marginal aparece na platéia, no palco, a peça - continua. Tres atores entram pela esquerda, sua fala é distanciada e primária.

Rapaz 1 - Quanta noite à nossa volta! (pausa breve) Nossa alma ferida - cai num poço sem fim, pobre herói que já vem, pobre eterno - Ulisses!

Rapaz 2 - Seus olhos tem receio de ver, porém seu retrato é obra de Pí- dias ou de outro clássico qualquer. Ah, eis o novo Apolô, que desconhece os muros escorregadios da vida! Quem jamais viu não poderá saber que a luz e a harmonia nunca poderão unir-se.

Rapaz 3 - Sintu claramente, nas sombras, a presença de seu espírito próximo. O destino quis que tivéssemos a visão de um titã... 2

Rapaz 1 - Venha sentar ali, ele não deve tardar. (Os tres sentam-se num ponto ao centro do palco).

Rapaz 2 - Vou dormir, se nosso divino ser, aqui surgir, acordem-me.

Rapaz 3 - Dorme tranquilo teu sono, meu irmão, eu ficarei na vigília.  
(As strizes murmuram alto palavras soltas)

Rapaz 1 - No pantano da existência a luz me sobe até a boca e eu silencio.

(Tempo. Entra um ator de bela estampa, bem arrumado, porém, tem no peito um cartão onde se lê: NOSSO HERÓI. Mansamente dirige-se ao grupo das tres moças, que, mesmo de costas, deixam perceber a excitação, ardem nervosas como que esperando que ele fale)

Herói - Desculpem-me...

(Elas se viram, neste momento vê-se que cada uma trás também algo escrito no peito, ou seja: A HEROÍNA, numa delas, e as outras: SÓ COLEGA e MELHOR AMIGA DA HEROÍNA).

Juntas (nervosas) - Como?!

Herói (doce) - Queria saber se é aqui a parada do ônibus.

Amiga - O ônibus?... Sim, é aqui a parada do ônibus.

Colega - Bem aqui onde estamos.

(Os tres ao fundo levantam-se embevecidos com a presença do herói)

Rapaz 1 - Será que é ele mesmo?

Rapaz 2 - Claro, não viu que está escrito: Nosso herói?

Rapaz 1 - Eu não sei ler.

(As duas prostitutas choram, tragicamente embevecidas, ou, emocionadas)

Heroína - Eu sou a heróina desta peça e só a mim você deverá amar.

Herói - Desde já eu a amo.

(A amiga e a colega voltam as costas enraivecidas).

Rapaz 3 (chateado) - Eu vou embora.

Rapaz 1 - Espere.

Rapaz 2 - Esse não é o novo Apolo, vamos para casa.

Rapaz 1 - Cale-se. É Ulisses sim.

(As prostitutas olham o casal amarguradas)

Heroína - Você é estudante?

Herói - Sim estou fazendo Administração de Empresas.

Heroína - Que lindo!

Herói - E você estuda à noite?

Heroína - Não, estou saindo do curso de Inglês.

Herói - Você gosta de inglês?

Heroína - Adoro línguas.

Herói - Eu também.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Heroína - Também estás ouvindo?

Herói - De que falas, meu anjo?

Heroína - Dos sinos...

Herói - O que pensas serem os sinos são os fuzis da paixão, que tomam posse de nosso coração.

(Ele toma a mão da heroína e leva-a ao peito. Neste momento entra em cena um atre susado como se estivesse trabalhando duro; - na sua roupa está escrito CONTRA REGRA; entra afobado).

C. Regra - Pára. Pára. Que coisa mais xarope! Como é que pode? Quem é que disse que esta cena era assim?

(Os atores surpresos olham-se sem entender)

Heroína - O que é isso? Que é que você quer?

C. Regra - "Eu quero saber quem é que mandou vocês fazerem essa cena assim?

Herói - Foi o diretor, ora.

C. Regra - Logo vi, só podia ser aquele... mesmo. Bem, vamos mudar tudo. Onde já se viu fazer peça sem cenário? Peguem tudo o que houver de cenário velho aí atrás do palco e ponham na cena. Imagina só, o que o público vai pensar de nós, com um palco vazio desse jeito.

Prostituta 1 - Mas estava assim no texto, não estava? Parece que eu vi...

Prostituta 2 - Sim é isso; o autor inclusive colocou no texto.

C. Regra - Não, mas não tem nada, eu acho que não dá e pronto, acabar tudo e fim de papo.

Heroína - Vou chamar o diretor, isso não pode ficar assim.

C. Regra - Não adianta, o diretor foi ver um emprêgo que ele fez no jornal. Ele pediu que eu tomasse conta da boca enquanto foi lá. Agora chega, vamos logo trocar essa besteira de vocês, - tragam os cenários.

Herói - Mas, ali atrás só tem porcaria.

C. Regra - Traz esteou mandando!

(Todos saem preocupados e começam a trazer restos de cenários e poem em cena). O contra regra fala ao público desajeitadamente)

Os senhores nos desculpem esse imprevisto, essa coisa acontece, é claro que o autor e o diretor se enganaram nesse negócio de não usar cenário na peça, vai ver que esqueceram... só pode. Afinal vocês pagaram para assistir uma peça de teatro completa, e uma peça sem cenário vale só meia entrada - é ou não é? Eu acho que a gente tem que ser honesto, e para não ter que devolver a metade da entrada que vocês pagaram, a gente vai quebrar o galho com um cenário improvisado, mas sempre é um cenário, melhor que nada, é ou não é?

(para os atores que arrumam o palco) Vamos lá, mais rápido com isso. (ao público) Pois é isso... (pensa no que dizer - ainda) Sabe o que é que é, eu não vou bancar o sucato para...



2. Rapaz - ...verde, látil, e dentro das paredes á esquerda que amarelou  
ser látil, á direita á 7 0 e que a verdade sobre esse  
povo é que não é de vanguarda, mas não se quer e que é -  
vanguarda porque eu não sou. Em todo caso o autor deste tex-  
to decidiu confiar-me o papel de apresentador, pois disse q-  
ue que essa vocação não entendem o espírito inédito do es-  
petáculo, talvez fosse de Tom Albrecht, criou um personagem  
de alguma maneira a parte e a política, e o eu sou...  
e então a gente:

Ator - "Além de tudo se encontra" É possível que seja possível -  
Este é um diálogo, há um diálogo. Na mesma página. (Con-  
-tinua a falar)

3. Apresentador (eu) - Este tipo de diálogo que se dá no teatro...  
Se não que os autores das peças, e que todo mundo está -  
nervoso, é o tempo. Está quente aqui, é o que é? (pausa) -  
Não é que está quente? Eu pelo menos estou com aquele calorão.

Heróina (falando de amor) - Você está quente de cara sou eu. Quem  
você pensa que é para fazer com a boca peço? Será que eu  
quero que não passe de um contra-ataque?

4. Herói - Foi com você que chegou. Venhosas e venhosas, distantes e  
pedregosas, Honorable plebeia, tenho a honra e a glória de  
apresentar - lhes (aponta para a heroína), a melhor, a mais  
talada (falando diretamente a heroína da peça) (Desta vez não er-  
guem-se sobre os ombros)

Heróina (aproveitando) - Não largue a mão, não pare com isso! Eu -  
vou cair de novo! (Mas a colocou no chão).

Herói (castidade, raivoso) - Assim não há condições. Assim não há con-  
dições. (Senta-se no beirado do palco)

Heróina - Eu posso processá-las por isso, não é? Fosse marido, os para  
a cidade, sua desgraça.  
(A amiga aproxima-se preocupada)

Amiga - Quer que eu traga um copo d'água com açúcar? Você ficou r-  
-ruído.

Heróina - Não, não precisa, obrigada. (pausa, fala baixo) Uchhorra!

Prostituta 2 - O negócio é o seguinte gente, nós nos dispusemos a fa-  
-zer um trabalho, acho que não é justo por fora todo o tempo  
que levamos para preparar "Herói e Heroína" por causa de  
um irresponsável qualquer. (todas olham reprovativas o -  
-contra-regra) Não podemos nos deixar levar por um cara es-  
-sui, vamos em frente.

Prostituta 1 - Eu também acho. E entendo que sair cedo, tenho um con-  
-promisso...

Rapaz 2 - Mas agora já perdemos o fio da meada. Que é que se faz?

Colaga - Melhor é começar tudo de novo.

Herói - Acho que a gente devia continuar da onde parou.



Prostituta 2 - Não acho direito, já pensou a repercussão disso?  
Rapaz 3 - Ah, é, estamos queimados para o resto da vida.  
Prostituta 1 - O diretor ainda não chegou?  
C. Regra (irônico) - Não, o diretor ainda não chegou, e, sendo eu o seu representante, neste momento exijo que façam o que eu mandar.

Heroína - Nunca!

Amiga - Audacioso!

C. Regra (imperativo) - Sem mais conversas., ordeno que se faça a cena do beijo, alguém tem algo contra? (todos se calam) Hein?

Heroína (revoltada) - Eu não obedecerei um tipo como você.

C. Regra - Se não está contente a porta está aberta, vá embora. (Olha para todos) Quem não estiver gostando: Rua!

Prostituta 2 - Não podemos ficar desse jeito, devemos ter calma, tudo se resolverá, nós estamos no início da carreira não podemos nos devorar uns aos outros. Talvez o contra-rega tenha uma idéia boa, se não der certo a culpa não será nossa.

Rapaz 1 - É isso aí, ficar parado não dá, ou vai todo mundo embora ou a gente faz o que ele quer.

Heroína - Mas ele vai estragar tudo.

Herói - Vamos tentar, talvez ele tenha razão.

Heroína - Vocês estão se submetendo a um ignorante, esse contra-rega -  
besta!

Amiga - Não custa nada tentar, de todo jeito está tudo perdido mesmo.

Heroína - Tá legal. Tá legal. Antes eu vou fazer uma coisa. (dirige-se ao público) Boa noite. Os senhores são testemunhas de - que está acontecendo aqui. Diante de vocês todos eu quero dizer que não me responsabilizo por nada do que se fizer nesta peça; eu vou fazer, e antes disso eu já lhes peço perdão pelo vexame de nossa representação. Obrigada. (Olha para os atores)  
Eu já estou pronta.

### Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

C. Regra - Sendo assim, que se comece logo o nosso maravilhoso circo teatral: Herói e Heroína, uma história água-com-açúcar. (Música alegre)

(O contra-rega sai saltitando e dançando. Corta a música. Confusão de sons. Um ator pega um cartaz que diz: O PRIMEIRO BEIJO. Os outros retiram-se da cena, fica somente a prostituta 1; heroína sobe num balanço e começa a embalar-se)

Prostituta 1 - E eu o que é que faço? (Olha ao redor, fala para os baguidores) Que é que eu faço? Não entendi nada.

C. Regra (de fora) - Sai daí galinha burra, tu não entras nessa.

Prostituta 1 - Ai, que bagunça! (Vai saindo sem graça) Que vergonha, credo! Nunca mais. (Esberra nas cortinas ao sair).

C. Regra (de fora, baixinho) - Começa logo. Anda. Olha a hora.  
(A heroína embala-se e canta uma música qualquer).



(Entra o herói)

Heroína (vendo-o) - Você veio mesmo?

Herói - Sim, eu vim.

Heroína - Não imaginava...

Herói - Eu prometi, não?

Heroína - Prometeu e veio.

Herói - Como sempre faço quando prometo.

Heroína - Que bom!

Herói - Que fizeste nestes dias?

Heroína - Que poderia fazer senão pensar em ti?

Herói - Posso embalá-la?

Heroína - Bem devagar, tenho medo. (Ele empurra delicadamente o balanço, ambos riem) Eu queria lhe pedir uma coisa.

Herói - Peça o cometa e ele será teu.

Heroína - Não precisa tanto, quero somente uma pequena foto tua, para tê-la sempre perto de mim.

(O herói tira uma imensa foto - poster - de dentro da roupa. A heroína desce do balanço).

Herói - Aqui tens minha foto; não para que olhando e lembres, mas para que lembrando ça olhes. (Ela pega a foto emocionada)

Heroína (apaixonada) - Não para que olhando e lembres, mas para que lembrando a olhes. Amar é não ter jamais que pedir perdão. O amor é tudo. Só o amor constrói.

Herói - Se amar é sorrir e chorar. meus sorrisos e minhas lágrimas são por ti. Se amar é crime jamais serei inocente. Quando o linhão adocica, quando o açúcar azedar, quando o oceano secar, só então deixarei de te amar.

Heroína (atirando-se em seus braços) - Oh querido! (beijo apaixonado)  
(De fora todos gritam, assobiam, batem palmas)

Herói (mudando o tom) - Sabe que horas são?

Heroína - Não, estou sem relógio. (Gritando para os bastidores) Que horas são?

C. Regra - (de fora) - Aqui ninguém tem horas. Pergunta para alguém na platéia.

(A heroína vai até o público e pergunta as horas, confirmando em vários relógios. Volta ao palco e diz as horas ao herói).

Herói - Já? Como é tarde. Devo partir, prometi levar minha irmã ao clube.

Heroína - Não parta, fica mais um pouco.

Herói - Não posso, tudo o que prometo eu cumpro.

Heroína - Você mal chegou, mal conversamos.

Herói - Sim, porém o mais importante foi feito: foi dado o primeiro beijo. era isso que a gente tinha que fazer em cena, não era?

Heroína - A heroína disse o que é que vem no texto?



Herói - Ah, não me lembro. (Pensa) Espera! Claro, é a despedida.

Heroína - Tem certeza?

Herói - Absoluta. (Ele a beija e vai embora. A heroína fica só e triste).

Heroína - Bah, dois beijos, assim, um em cima do outro?

Herói (volta ao personagem) - Adeus meu amor, amanhã voltarei.

Heroína - Pensa em mim. (Beijam-se. A heroína fica só e triste)

(Entra o contra-regra seguido do grupo. Ela corre para o Herói)

C. Regra - Tá legal. Tá legal. (separa os dois) Chega. Acabou a cena, vamos mudar tudo de novo. Vamos trocar tudo. (alto) Trocar o cenário! Trocar o cenário!

Heroína - Como? Vai querer inventar outra patifaria das suas, agora? Não cansou ainda?

C. Regra - Calma filhinha, calma, o que eu decido não importa, o principal é que vocês me obedeçam. O que eu quero que seja feito é um espetáculo movimentado, a opinião dos atores é lixo - para mim, é ou não é? Isto é teatro de vanguarda!

Prostituta 1 - E daí? Que é que a gente faz agora? Eu estou com pressa, tenho um compromisso importante.

C. Regra - De acordo com os meus objetivos, devemos passar logo para a cena do aniversário, que é um dos pontos mais vibrantes de Herói e Heroína, é ou não é?

Rapaz 1 - Eu concordo.

Rapaz 2 - Eu também, é genial.

C. Regra - Bem, sejamos democráticos: façamos uma eleição! Quem estiver de acordo com a cena do aniversário, levanta a mão. Vamos - lá, um...dois...tres... (Todos levantam a mão menos a heroína, o contra-regra irônico fala para ela) Maioria absoluta! Comecem logo, preparem tudo. (Os atores contentes arrumam-se e preparam a cena, a heroína enraivecida mantém-se longe de tudo. A prostituta 1 vem até ela).

Prostituta 1 - Você não vem nos ajudar heroína, está sentindo alguma coisa?

Heroína - não. Eu estou muito bem, pode ficar tranquila.

Prostituta 1 - Olha, se você precisar de alguma coisa é só me pedir, viu? (A prostituta 1 sai. Um ator mostra um cartaz: CENA DO ANIVERSÁRIO).

C. Regra - (aparecendo na cochia) - Tudo pronto? Vamos lá? (sai)

(As luzes se apagam. Todos se preparam).

Prostituta 1 - Shi! Faltou luz.

Amiga - Não é nada disto, abobada, a cena é assim mesmo. Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Herói - Tragam logo o bolo daí.

(Alguém entra trazendo um grande bolo de aniversário com as velas)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





(Todos cantam o "Parabéns a você". Após isto tomam a posição de coro).

Amiga - Desejo que a tua vida seja como a matemática:

As tristezas diminuídas,  
as alegrias adicionadas,  
os amores divididos  
e a vida multiplicada.

Rapaz 1 - Quando a vida oferecer a você um limão, faça dele uma limonada.

Rapaz 2 - No dia em que festejavam meu aniversário

Eu era feliz e ninguém estava morto,

Na velha casa até meu aniversário era uma tradição secular...

Colega - Quando vim a ter esperanças,

já não sabia ter esperanças.

Quando vim a olhar o sentido da vida

já não existia mais vida.

Prostituta 2 - É tão lindo fazer anos

tantas luzes acesas, tantas vozes

risos e sorrisos alegres e religiosos

O meu Deus! Meu Deus, meu Deus!

Hoje já não faço anos. (Pausa) Duro.

(Trazem uma coroa de flores e colocam-na na cabeça da heroína)

Coro - Felicidades menina

Que a boa luz que hoje te ilumina,

seja tua eterna companheira

na boa e má sina.

Heroína - Muito obrigada meus amigos, estou tão feliz. (Abraça a todos.

Um ator destaca-se, tem no peito a placa: PAI).

Pai - Quem é seu namorado, heroína?

Heroína - É o herói papí. Herói, venha cá venha conhecer o meu papí.

Herói - Seu... papí?!

Pai - Eu sou o papí da heroína.

Herói - Ora vejam, este é seu papí.

Pai - E o senhor quem é?

Heroína - O herói é genro do papí, papí.

Pai - Que vem a ser um genro?

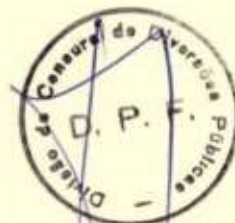
Herói - Sou o amado de minha amada, que, por pura coincidência, é a filha de papí.

Pai - A filha de papí é minha filha, que coincidência! Então o senhor é o meu genro.

Heroína - O herói é meu namorado e genro de papí.

Pai (para o público) - O que é a vida de um pai senão um calvário ado-

recado? Primeiro, somos o ponto de mãe de nossos filhos; a



Pai - ...aí nada demais, porém, logo passamos de amante a marido, então as coisas começam a ser mais complicadas e os beijos mais raros. 9  
De marido a pai, é num abrir e fechar de olhos, e a vida nos dá como prêmio de consolação o cargo de chefe de família; e as bocas não são mais para ser beijadas, só querem comida. E quando a gente se dá conta, está sendo crucificado por um estrangeiro qualquer que na surdina, penetra em nossos lares, e então, descubro que minha filha ganhou um namorado e eu, sem jamais ter solicitado, sou possuidor de um genro. Quer dizer, nossa opinião vale tanto quanto os detritos que ofertamos ao vaso da patente.

Herói - Agora, além de uma filha, o papá terá também um filho.

Pai - O senhor não acha que está indo longe demais?

Heroína - Diga a papá que o herói é rico.

Herói - Papá, o herói é rico.

Pai - Quanto paga para o imposto de Renda?

(O herói cochicha no ouvido do pai)

Herói - Que pensa disso?

Pai (atônito? recompõe-se, muda o tom) - Que tal se nós sentássemos um co? (Indica uma cadeira para o herói, os tres sentam-se).

Herói - Obrigado. (tempo)

Pai - O herói mora só ou com os pais?

Herói - Me, pai me deu um apartamento quando fiz vestibular.

Pai - O herói tem um carro?

Herói - Dois. (Pausa longa) A Europa é no outono, muito linda, porém a primeira primavera também tem o seu charme. O Monte Branco está coberto por neves eternas. Paris é maior que Berna, porém o Museu do Prado está em Madri. Verdi compôs óperas e Vivaldi nunca compôs óperas. Sócrates foi um grande filósofo da Grécia, assim como Platão. Freud explica muitas coisas. Tudo é relativo. Quando Hitler subiu ao poder o homem ainda não tinha chegado à Lua.

Pai (maravilhado) - Céus! Que cultura! Tão jovem e tão sábio. Que poder de comunicação tem essa rapazi! (para o herói) O senhor deve ser muito viajado.

Herói - Sim, nas viagens as pessoas deslocam-se.

Pai - Com toda a razão. Vejo que tem um espírito aguçado.

Herói - Fruto de meu esforço mental, papá.

Pai - Sem dúvida.

Heroína - É lógico.

Herói - É típico de meu meio.

Heroína - O herói - é rico e viajado.

Pai - E cultivado como se nota de imediato.

Herói e heroína - Nós nos amamos.



... frente do palco).

Coro - Mas não te iludas! Teu castigo chegará!

Em meio a tantas loucuras convém fazer silêncio,  
Quando a conta é alta, a mediocridade é maior ainda,  
e nós nos calamos.

(Música forte. Todos alegres dançam e saltam)

Rapaz 1 - Dizem que beijar na boca  
é pecado horreroso.

Oh, meu Deus,

Por que criaste um pecado tão gostoso?

Rapaz 2 - Deus quando fez a mulher,  
Fez com tanta gentileza  
deu-lhe um corpo de musa  
e o cérebro de leema.

Colega - Deus quando fez o homem,  
fez com toda cerimonia;  
o corpo de um boneco  
e a cara de um sem-vergonha.  
(Todos brincam alegres)

Rapaz 3 - Eu quisera ser uma lágrima  
Para em teus olhos nascer  
em teu rosto correr  
e em teus lábios morrer.

Coro (ritmado) - Amor. Amor. Amor. Amor. (Música forte todos dançam)  
Viva o romance de herói e heroína. (Cantam o "Parabéns a você no  
ritmo frenético da música. Quando chegam no último verso o pai  
cai morto, vítima de um colapso)

Heroína (precipitando-se sobre ele) - Papá!!!

(Silêncio. Todos fazem poses de horrorizados. O herói examina o  
corpo detidamente de uma maneira grotesca)

Herói - (Circunspecto, dando o veredicto) - Está morto;

Todos (gemido dramático) - Oh!

Prostituta 1 - Bah, que chato, né? Logo agora que a peça estava ficando  
tão boa;

Prostituta 2 - Não diga isto prostituta 1, que falta de respeito!

Prostituta 1 - Mas é mesmo, agora ele estragou a festa da pobre da guria,  
ela já estava grilada com o contra-regua, agora perde o  
pai, é dose, né? Alguém sabe as horas?

(Um ator pega um cartaz que anuncia as LAMENTAÇÕES DA HEROÍNA)

AS LAMENTAÇÕES DA HEROÍNA



11

Heroína - Sinto vergonha, amigos meus, de entregar-me a essa dor demasiada; suportai-me; pode haver ponderação no desespero? Não existe mal maior do que ser órfã agora, aqui estou, abandonada no mundo que desconheço. Jamais me livrarei de minhas magoas, de meus soluços incessantes!

Coro (dolorosamente) - Pobre papá. Pobre heroína solitária.  
Coragem filha, coragem. Ainda está no céu o grande Deus, onividente e onipotente.

Heroína - Sim, mas o melhor homem que conheci na vida já não existe mais. Oh papá! Por que te foste? E agora quem há de proteger-me?

Prostituta 1 - Coitadinha, me dá uma pena...

(A amiga da heroína aproxima-se dela). Esta cena deve desenvolver-se de acordo com a "Tentação de Jesus" segundo S. Lucas e S. Mateus; a amiga seria o Satanás. Os demais atores vão para o fundo murmurando uma prece, cada um pega uma vela acesa de cima do bolo da heroína, e coloca em volta do corpo do pai, como se fosse uma cerimônia mística, e se afastam para o fundo).

Amiga - Se és mesmo filha de teu pai, manda que o teu pranto se transforme em riso.

Heroína - Nem só de risos vive o homem, bem sabes.

Amiga - Olha esta casa, estas riquezas todas que te rodeiam, a tua conta bancária, a fortuna que te deixou papá, as jóias valiosas que eram de tua mãe, que mais precisas para seres feliz?

Heroína (farta) - Pára com isso, tá?!

Amiga - Tens um namorado mais poderoso ainda, casa-te logo com ele e terás a glória de ser uma das mulheres mais ricas do país. Que mais podes desejar? Estás com tudo nas mãos: Um bom macho e poder.

Heroína (desligando-se da personagem) - Pô, qual é?! Como é que eu vou poder interpretar o desespero de uma filha pela morte do pai, se vem um demônio desses e me põe um monte de minhocas na cabeça? Tá na cara que com uma grana dessas, por mais dedicada que seja a filha, ela não vai chorar muito tempo. Isso é muito contraditório, esse texto não tá, Herói e Heroína não existe mais já era.

Herói - Mas é que este texto é um texto de vanguarda, e tu é que estás interpretando a heroína, quer dizer, tu tens que fazer o teu papel...

Prostituta 2 - Olha parece que o diretor chegou.

Rapaz 3 - Já não era sem tempo.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Herói - Quando para dentro? Como é que conseguiu a bossa?

Prostituta 1 - Coitadinho, me dá uma pena, ele precisa tanto...

Pai (ainda deitado) - Como é que é? Esse velório não vai acabar nunca?

Já tô de saco cheio de ficar aqui deitado.

Herói - Aguenta as pontas aí um pouquinho! Vamos continuar pessoas! (parece a heroína) Começa logo.

(Ela volta a assumir a personagem rapidamente, recompõe-se a cena)

Heroína (com dificuldade, sem saber o texto) - Pai, não temas por mim, eu saberei me guiar, trata somente de salvar tua alma; É certo que sofro, porém esta tempestade não me abaterá. Aprendi... (esquece o texto) Aprendi... Ai, me ajuda, como é que é? Aprendi...

Prostituta 1 - Ai gente, eu tô super cansada, eu vou por casa tomar um banho. Tenho um compromisso importante daqui a pouco.

Diretor - Fica quieta imbecil!

(Ela abama para dentro simplória)

Prostituta 1 Oi tudo bom? Eu já vou indo, tchau.

Diretor (de fora) - Deixa de ser idiota, a peça ainda não terminou.

Heroína (nervosa) - Como é que eu vou me lembrar do texto, no meio duma lagunça dessas?

Prostituta 1 (inocentemente) - Ai, desculpe-me querida, eu estou atropalhando, não é? (dá um beijo na heroína) Mas eu já vou, tchau, tudo de bom para ti, viu? Sucesso.

(Ela começa a se despedir de todo o grupo, beijos, abraços, etc)

Diretor (de fora) - Que é que esta burra está fazendo?

(Depois de despedir-se de todos, prepara-se para sair pela plateia. O Diretor entra furioso com um jornal debaixo do braço, deixa cair algumas folhas que se esparramam pelo palco).

Diretor - Pare senão eu atiro. (A prostituta 1, de costas, apavorada, levanta os braços).

Prostituta 1 - Piedade. Não me mate, eu ainda estou no início da carreira.

Diretor - Cale-se! Caminhe para trás. Nenhum movimento, senão morre.

Prostituta 1 (terrificada) - Eu saminho... Eu... Eu fico, mas não me mate. Eu sempre fui sua amiga lembra-se? (Lentamente ela caminha para trás) Não deixem que ele me mat. Não deixem.

Heroína - Acabem com isso! Deixem de ser cretinos.

Prostituta 1 - Ele quer me matar, me salve por favor.

Heroína - Ninguém vai matá-la, ele não tem sequer revólver.

Prostituta 1 - Não tem revólver? (tranquila) Puxa, que brincadeira de mau gosto.

(O Diretor alucinado, finge atirar com a arma imaginária e faz o ruído do tiro com a voz. A Prostituta 1 cai, depois ele atira...)

Diretor - **Matei-os! Matei-os! Agora poderei procurar um emprego tran-**  
quilamente. (Ridicentemente) Adeus teatro. Adeus escravidão,  
Agora estou livre para trabalhar. (Sai pela platéia) Livre!  
Livre!

Pai (Levantando-se do meio das velas) - Pobre do cara, enlouqueceu.  
Chega de velória. (Apaga as velas. Ao mesmo tempo os atores vão  
se erguendo)

Coro - Uma opinião instável é um grave defeito.  
Todos devem encontrar sua linha mestra antes de se lançarem na  
vida.

Amiga - Ah, esse caos está me destruindo!  
Tirem-me daqui, não desejo viver na neurose.

Prostituta 2 - Por que todos falam tão bem e agem tão mal?

Colega - As coisas são tantas que não consigo dizê-las.  
(Entra o contra-regra triunfante)

C. Regra - Silêncio! Todos viram o que aconteceu, pois bem, o diretor  
agora sou eu, ouviram? Eu mando aqui!

Todos (num gemido) - Não!

Herói - Fora demônio, deixa-nos em paz! O que querem afinal? O que nós  
fizemos para merecer isto?

C. Regra - Qual é o problema meu querido, qual é o problema?

Herói - Eu tenho nojo da tua cara.

C. Regra - E eu não suporto o teu jeito de bicha. Mas se tem algum  
galho comigo a gente já se acerta agora mesmo. (Eles pre-  
param-se para brigar)

Prostituta 2 - Parem com isso, não sejam crianças. Parem!

Heroína - Vamos embora, essa pepa foi amaldiçoada. Vamos para casa.

C. Regra (ordena gritando) - Cena do Cabaret!!

Coro - Há algo que nos aprisiona a este palco,  
não sabemos o que é, porém a resposta deve estar dentro de ca-  
da um dos atores.

(Toca a música "Wellcome" do filme "Cabaret")

C. Regra (de fora, gritando) - Cena do Cabaret!

(Um dos atores pega um cartaz que diz: NOSSO HERÓI VAI AO CABARET,  
enquanto isso todo o elenco assume a condição de prostitutas. O  
C. Regra volta ao palco: fala ao público)

Os senhores nos percam todos esses contratempos, peço que le-  
vem em conta que, para a maioria dos que aqui estão, esta é a  
primeira vez que sobem num palco. Aí está a maior razão da con-  
fusão que tem se criado aquiem cima. Porém, agora, a cena que nós  
vamos apresentar, sei que vai agradar a todos vocês. É uma cena  
muito legal mesmo. Trata-se de uma visita que nosso herói faz à  
casa de Marieta Saturday, a meretriz mais famosa da cidade. Esta  
é uma cena onde existem duas ações paralelas. (imita "speaker".



Região de trás de box! A nossa esquerda: Heroína! A suave heróina que pensando em seu amado, meiga como só uma heroína pode ser, borda uma toalha para o enxoval. É lógico que, desde já ela prepara-se para o grande dia. (pausa) A nossa direita : Marieta Saturday, a última diva da prostituição. (A atriz - faz uma pose sensual ao ser apresentada).

Marieta (para o público) - Oi. Tudo bom turma? Que legal vocês terem vindo, pessoal. Vocês são uma turma tão bacana! É sério. Vocês nem imaginam como a gente fica feliz de ver todas essas carinhas - saídas de vocês aqui em casa. Fiquem à vontade, viu turma?(Parece reconhecer alguém na platéia) Olha só quem tá aí, o Dedeco! (abana) Oi Dedeco! Que fim tu levaste sem vergonha? Sumiu do mapa, nunca mais apareceu. Outro dia eu ainda estava pensando em ti: onde será que se meteu aquele vagabundo? Agora, tu aparece. (Pausa) Mas... pér aí, tu não és o Dedeco, deixa eu ver se lembro o teu no.e. (pensa) Aquiles! Não, não é o Aquiles, mas é muito parecido. Ah, não adianta, esqueci o teu nome, seu picareta. Mas é isso aí turma, podem crer que eu morro de felicidades quando recebo a visita de vocês. Eu adoro ter um monte de amigos: meus fregueses são meus amigos, sabe turma? Ninguém aqui é desconhecido, por isso que a casa está sempre assim, ó (faz o sinal de repleto com os dedos) ... assim ó... Parece até dia santo, sempre tem procissão aí na frente. (olha em torno). Ah, deixa eu apresentar as minhas funcionárias para os que ainda não conhecem. Essa coisa maravilhosa, ali, é a Elizabeta, a outra do lado é a Angélika, Angélika com "k", viu? (As atrizes vão se apresentando à medida que ela as chama, enquanto isso, a heroína borda, pensativa e romântica, vez por outra, pega a foto do herói e contempla). Assim como tem a Liza que é com "z", aqui em casa nós temos a Angélika com "k" não é meu bem? (A atriz solta um grunhido como resposta) Lindona! (para o público) Olha só turma, ela não é um avião? (para o seu conhecido) Hein, Dedeco, Tu já conhecias essa? (para outro) É o senhor, não acha que ela é linda? Não acha? (volta às apresentações) Essa é a Ira, o nome dela mesmo é Elbarira Santos, mas nós trocamos só para Ira, que é um nome que dá o "status" para qualquer mulher que se vira. A Ira é de Garopaba, um "hippie" daqueles desgraçou a coitadinha e ela veio para cá. A Ira canta muito bem é a melhor voz da casa. Canta uma coisinha para a turma, Ira. Vocês querem ouvir, não querem? (faz com que a platéia responda) Viu? Eles querem. Canta aquela : Amor, Amor. Amor...

Ira (desafinadíssima) - Amor. Amor. Amor estou aqui  
Aqui. Aqui. Aqui. ...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Tudo - ... Amor. Amor. Amor

espero por ti  
por ti...

Marieta - Tá chega. Pois é turma todos são bem-vindos à:  
Todos (apoteótico) - "Marieta's Home"

Marieta (cantando) - Um dia um marinheiro ameircano  
aqui chegou,  
nos saus braços me tomou  
e os dias da semana  
foi o que ele me ensinou.  
Porém, essa língua americana  
não é facil nem na cama, pra quem só come banana.  
E então de tudo o que estudei,  
só ficou na minha memória  
Marieta Saturday!



Coro - Marieta Saturday!

Marieta - Sou eu. ( Ouve-se a campainha)

Angélika - Marieta, estão batendo.

Marieta - Deixa que eu vou abrir. (Vai até uma porta imaginária onde -  
está parado o herói) Abre. Surpresa.) O herói! Meninas. Me -  
ninas. Vejam quem está aqui. Chegou o herói! (Todas se aproxi-  
mam dele, ele está completamente diferente, é o protótipo do  
malandro, do cara acostumado a ser líder naquele tipo de am-  
biente)

Herói (com falsa modéstia) - Calma. Calma, que é isso? Até fico intimidado.  
(nota Angélika) Ué, temos gente nova aqui? (Angélika tenta se esconder).  
Estamos melhorando, hein?

Marieta - Esta é Angélika, minha nova funcionária. Venha cá angélica, venha  
conhecer o herói. (Angélica se esquiva)

Herói (ao público) - Não esprravam por esta faceta, hein? Esta é a face  
oculta do herói. (Ri para Angélika) Venha cá boneca, que é isso  
coisinha linda, está com medo do papai?

Heroína (à parte) - Herói. Herói. Onde estarás? Não imaginas o tormento  
é parà mim, esses momentos em que estamos longe um do outro.

Angélika (tímida) - Não quero.

Marieta - Que é isso Angélika? Você nunca foi dessas coisas.

Angélika - Não estou bem, estou com dor de cabeça.

Herói - Vem cá, eu curo a tua dor, vem.

Heroína - Eu morro quando estou longe dele; é isso o amor?

( O Herói aproxima-se de Angélika que tenta afastar-se)

Herói - Sabe que você é linda?

Angélika - Não me toque!

Herói (Violento, vai esbofeteá-la) - Vou mostrar-lhe...

Angélika - Não!



Heroína - Que estará ele fazendo? Será que também pensa em mim?

Angélika (decidida) - Está bem, você pediu, pois veja! (Num gesto rápido ela mostra que por baixo de seu traja de prostituta está escri-  
Melhor Amiga da Heroína)

Herói - Você?!

Heroína - Será que ele também está pensando em mim? Amor...

Angélika - Você agora sabe de tudo, sabe de tudo. (ela chora) Está sa-  
tisfeito agora?

Herói - Não posso crer, a melhor amiga da heroína desta peça, num bor-  
del, deve haver algum engano, devem ter trocado os papéis, não  
pode ser.

Angélika - Não, é isso mesmo, eu tenho que fazer esse papel também, não  
imagina como sofro.

Heroína - Ele é o melhor homem do mundo, eu não mereço tanta felicidadee

Herói - Isso não é justo, é uma falta de respeito, você é uma moça di-  
reita.

Angélika (tirando a roupa de prostituta e voltando a ser a amiga) - Não  
se esqueça de que esta é uma peça água -com-açúcar de vanguar-  
da, é um espetáculo underground. E tem que ser assim.

Prostituta 1 - Falta muito para terminar?

Prostituta 2 - Falta. Falta bastante ainda.

(De um lado da cena um dos atores passeia com o cartaz "Fim do 1º  
ato", sem notar que do lado oposto um outro pegara o cartaz que  
diz "Fim da 1ª Cena", ambos olham o público cheios de si. Em  
dado momento, porém, eles deparam um com o outro e vem ameaçado-  
res um sobre o outro, lentamente, estudando um modo de atacar.  
Ouve-se um ruído de luta fora de cena, todos se voltam para o la-  
do de onde vem os gritos e o choque de espadas. Os dois param, e  
olham também aturdidos).

Gladiador 1 (de fora) - Covarde! Vou arrancar tuas vísceras.

Gladiador 2 (de fora)- Jamais serei morto pela espada de um romano!  
(Gritos e uivos. Ruído de luta. Ambos entram furiosos lutando  
com espadas de plástico:são dois gladiadores). De repente percebem  
a presença dos demais atores. Param. Olham ao redor como imbecis).

Gladiador 1 - É aqui que estão apresentando... Cesar e Cleopatra ?

Gladiador 2 - Será que nós...

Todos - (com raiva) - Fora ! (Os dois saem cabisbaixos comentando:)

Gladiador 1 - Acho que nos enganamos, parece que não é nesse teatro.

Gladiador 2 - Que chato. Vamos ter que dar um pique, senão a gente  
chegar atrasados. (Saem).

Todos (vencidos) - Oh...

(A heroína triste, sentada, contemplativa, olhar distante, herói  
aproxima-se dela, senta-se ao seu lado, olham ao longe sem se me-  
xerem durante algum tempo).



Herói - Voce está triste ?

Heroína (distante) - Sim.

Herói - Algo não vai bem ?

Heroína (lamentando-se) - Ainda não me acostumei a idéia de que papá está morto.

Herói - Compreendo.

Heroína - Por que? Por que papá morreu ?

Herói - Ora meu bem, era preciso, né? Senão a peça fica xerope, ..

Heroína - Pô, se queriam uma tragédia era um de nós que tinha de morrer, não meu pai.

Herói - Entenda, meu anjo, se a gente morresse a peça não teria sentido.

Heroína - Sim, tens razão. O pouco que duramos somente terá sentido - se criarmos, mesmo que nossa ação seja tão consistente quanto as espumas do mar.

Herói - Isso era eu que deveria dizer.

Heroína - Não faz mal, agora eu já disse.

Herói - Como não faz mal? Pensa que eu vou deixar que você tome conta da minha vida?

Heroína - Não precisa gritar, não é? Se faz tanta questão de dizer, repita a fala.

Herói - Agora não há razão para repetir, você bagunçou tudo.

Heroína - Deixe de ser mal educado e me respeite, ao menos na frente dos outros.

(Ambos ficam carrancudos e viram as costas um para o outro)

Cor - O tempo da juventude é tão breve. A vida foge, desaparece entre as estrelas e ainda não amei. Nem pensar, pensei.

Colega - Que haverá na outra margem em meio aos lírios frios?

Contemplo esse lago mudo  
Que a brisa estremece  
Não sei se penso em tudo  
Ou se tudo me esquece.

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Com uma gargalhada ameaçadora irrompe em cena o Contra-regra - vestido de profeta)

Profeta - Eu vim do Oriente.

Eu vim do Oriente de onde vem todas as coisas,  
onde nasce o dia e a fé.

Do Oriente de luxo,  
fanático e quente.

Do Oriente que desconheço.

Sou feito dos mistérios de Buda, Brama e Siva.

Foi Krishna quem aqui me mandou.

Trago o que cá não tendes e não sois.

Quem quer? Quem quer?

Trago em minha bagagem a riqueza oriental. ...



Profeta - ... Quem quer? Quem quer?

Rapaz 1 - Tá legal cara. Tá legal. Não precisa gritar, só que aqui ninguém tem grana para comprar produtos orientais, a classe teatral andasempre dura, entende?

Rapaz 2 - E tem mais meu camarada, não sei se notou, mas nós estamos no meio de uma representação.

Colega - É melhor dar no pé, a barra aqui está pesada até para monges bu dista.

Profeta (desorientado) - Mas eu faço parte da história também, tenho -- que dizer uns negócios para o herói e para a heroína.

Herói - Cai fora, não vem encher o saco.

Prostituta 2 - Que horror! Como é que ele entrou? Não tem ninguém cuidando a porta ?

Prostituta 1 - Coitadinho, me dá uma pena, ele deve ser meio louco.

Profeta - Não acreditam? Eu sou o profeta, estou no texto, juro, Sou o pai do Mahraj Ji, estudei com o Krishnamurti e tudo.

Heroína (saturada) - Ai meu saco!

Amiga - Por que não vai alguém já foba chamar a polícia?

Prostituta 1 Não façam isso com o pobrezinho.

Prostituta 2 (delicadamente) - Por favor meu senhor, o senhor se retire pois estamos apresentando uma peça de teatro e o senhor - está atrapalhando, para evitar o pior eu peço que saia. - Espere ali fora, depois nós falamos com o senhor, está bem?

Profeta (alucinado) - Ninguém vai me tirar daqui, eu sou ator como - vocês, não vou sair. (grita) Matem-me! Matem-me, mas eu não - saio.

Amiga - Cuidado, ele está louco. Polícia! Polícia!

(Os homens pegam pedaços de pau e cercam o profeta)

Profeta - Eu vim do Oriente para participar desta peça.

Eu vim trazer minha fé. Não serei expulso, Não serei expulso (O herói salta sobre ele, derrubando-o. Todos caem em cima dele) Socorro! Socorro! Parem com isso. Parem!(ele consegue se libertar) Pô, tá legal a gente nem pode brincar com vocês, qual é? Eu só queria participar da peça também. (Ele começa a tirar a roupa do profeta e a máscara surgindo como o Contra-regra). - Nunca vi gente tão agressiva, é por isso que eu é que devo mandar aqui, vocês são todos uns...uns recalcados, uns neuróticos. Ainda não aprenderam nada sobre a vida. S'ó uns ignorantes! (para o herói) E você está se sentindo melhor agora?

Herói - Últimamente, na verdade, vivo da comida dos camalões; alimento-me do ar e entupo-me com promessas. Desse jeito não poderás engordar capões.

C. Regra - Não entendi essa resposta. Que quer dizer?

Herói - É agora tampouco a mim. Já representast uma vez no ginásio, ...



Herói - ... nãoé?

C. Regra - É isso mesmo. E fui considerado bom ator.

Herói - É que representaste?

C. Regra - Júlio César; era assassinado no Capitólio, Brutus me mata-  
va.

Herói - Bem bruto devia ser ele realmente, para matar um burro igno-  
rante como tu.

C. Regra - Bicha desgraçada.

Herói - Eu não sou bicha.

C. Regra - Pode enganar todo mundo, mas não eu.

Prostituta B - Não briguem, não briguem. (puga o herói pelo braço) Vam  
para o meu lado, querido, senta-te perto de mim, vamos  
assistir televisão.

(Enquanto a cena se desenrola um ator passeia com um cartaz -  
que diz: EM FRENTE À TELEVISÃO. Os atores se preparam para -  
apresentar o comercial, enquanto outros preparam-se para a -  
cena do filme que eles vão assistir).

EM FRENTE À TELEVISÃO

Herói - Não, minha mãe, o imã desse metal tem mais poder. (indica a -  
heroína) Senhorita, permite que eu sente em seu colo?

Heroína - Não, herói.

Herói - Quero dizer, recostar a cabeça em seu colo!

Heroína - Sim, herói.

Herói - Pensaste que estava usando a linguagem vulgar do campo?

Heroína - Não pensei nada, herói.

Herói - Não deixa de ser uma bela idéia, deitar-se entre as pernas de  
uma donzela,

Heroína - Que idéias! Que pensa que eu sou?

Herói - Nada.

Heroína - O herói está muito alegre hoje.

Herói - Quem, eu?

Heroína - Acaso existe outro herói nesta peça.

(Os atores começam a fazer a mímica de comerciais de T.V. diante  
do público)

Herói - Sou apenas o bobo. Que pode alguém fazer de melhor, e não ser  
ficar alegre? Olha minha mãe, como apresenta o semelhante pra -  
sentaire; no entanto, meu pai morreu há apenas meia hora.

Heroína - Não foi seu pai que morreu, foi o meu. E já fazem quatro -  
meses; seu pai morreu, você ainda era pequeno.

Herói - Tem razão. Então que o diabo vista luto, que eu vou cobrir -  
me de plumas e lantejoulas. Oh céus! Morto há quatro meses e  
ainda não esquecido? Neste caso, há esperanças de que a memó-  
ria de um grande herói sobreviva no mínimo meio ano. O esva-  
lhinho de pau logo fica esquecido quando se descobre como che



Herói - ...gar ao jardim.

Prostituta 2 (ela assume a condição de mãe) - Agora silêncio, vai come  
çar .

(O que é apresentado como o filme é uma pantomina baseada em "As Troianas de Eurípides. A loucura de Cassandra, a dor de Hécuba e a morte do filho de Andromaca. A revolta das filhas de Tróia contra Helena e a luta contra os soldados romanos).

Heroína - (durante a representação) - Que significa isto herói?

Herói - Significa infortúnio, querida.

Heroína - Não entendo nada do que está acontecendo.

Herói - Verás como es atores logo vão revelar tudo, eles nunca guar  
dam segredos.

Heroína - Vou prestar atenção no filme então.

(Quando vai finalizar a tragédia os atores falam)

Hécuba - Levanta a cabeça deste chão duro,

inforutnada! Apruma teu pescoço.

Quantas razões eu tenho para chorar,

mataram meus filhos, meu marido, minha pátria.

Convém calar? Talvez falar... Chorar...

Coro - Vindo da alta cidadela, repentinamente,

reboou pela cidade toda um grito horrível de morte. (Grito)

Hécuba - Crianças chorando de medo

tentavam agarra-se com as mãozinhas frágeis

às roupas das mães apavoradas.

A guerra desferia o golpe;

a trama torpe se evidenciou

e a morte completou sua obra.

Coro - Em toda a cidade começou a trágica e final carnificina.

De nossa terra só restou a ruína,

a glória demente dos inimigos,

e apenas o luto de nós que a choramos.

Hécuba - Levai-me logo, trêmulos membros

Guiai-me nesta marcha forçada.

Partamos para a jornada triste

que nos transformará em escravos...

Coro - Adeus, pátria infeliz! Andemos!

Caminhemos, forcemos os pés

nesta marcha para a casa de nossos inimigos...

Herói - Que tal acha o filme minha mãe?

Prostituta 2 - Parece-me pesado demais para o meu gosto.

Herói - Não passa de um brinquedo, matam por brinquedo; tudo é ficti  
cio, isto não existe no mundo.

Heroína - Como se intitula o filme?

Herói - "A Ratoeira"; mas se ve logo que é uma simples metáfora.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Atenção

(Neste momento, por entre o cenário, do fundo, surge um espectro, ele vem furioso)

Prostituta 2 - Céus! O Diabo invadiu o teatro!

Heroína - Um fantasma!

Espectro - Basta! Basta! Irreverentes!

Herói - Não nos mate, não nos mate, não foi por querer, estava no texto.

Espectro - Há algo de podre sobre esta casa!

Herói - A culpa é do autor.

Espectro - Reconheces então a infâmia de tua atitude?

Herói - Sim. Sim. Eu sabia desde o início.

Heroína - Por Deus, o que está acontecendo aqui? Não estou entendendo nada.

Prostituta 2 - Quem é esta alma penada que chega assim de repente?

Espectro - Minha senhora, sou o espírito do pai de Hamlet, eternamente a vagar durante a noite e de dia jejuar na chama ardente. Por muitos anos estive condenado a deslocar-me de um lado a outro na Dinamarca. Porém, após a tragédia que destruiu minha família, o tormento de estar naquelas terras era penoso demais e resolvi então correr o mundo. Viajei ao Paquistão, Calcutá, Tóquio, Paris, Berlin e centenas de outros lugares, ao sabor dos ventos. Quando estive com os Ibans habitantes do sul de Bornéu, ouvi falar muito das belezas e progresso brasileiro, me decidi então a conhecer a América do Sul, e, principalmente o Brasil, esse país lindo cheio de riquezas, de desenvolvimento, de alegria. (mudando de tom) Pois veja, então, a senhora, que ainda há pouco, ao passar por aqui, na minha ronda habitual, que visa estudar os costumes do homem deste século, que são assaz estranhos, diga-se de passagem, ouvi palavras que me pareciam familiares; o que diziam eu já ouvira há muitas décadas atrás; minha dama: eram as palavras de meu filho Hamlet, que chegavam aos meus ouvidos, ouvi também falar de Gertrudes minha esposa traidora, e a finada pequena Ofélia. Emocionei-me. Entrei; qual não foi minha surpresa ao deparar com uma troupe de subdesenvolvidos a plagiar a história que, com minha autorização, o falecido William Shakespeare escreveu. Sim, milady era um vil plágio da catástrofe que destruiu nossa dinastia. Isto é um crime hediondo e podre. Há algo de podre neste teatro: Você! (acusa o herói)

Herói - Eu? Oh Deus!

Espectro - Não direi que usem Hamlet de maneira tão vergonhosa e ignóbil, num plágio de baixa categoria.

Herói - (ri sem graça) - Plágio?!

Espectro - Sim hipócrita. Como pode um homem sorrir e ser infame ao...



Espectro - ...mesmo tempo? Expliquem-me! Em todos esses anos ainda não pude entender.

Herói - Perdão, Majestade, perdão.

Prostituta 2 - Por favor, mylord, trata-se de um terrível engano, não era nossa intenção usar o nome de vossa família de maneira irreverente, como pode ter parecido. Quem somos nós, simples sal-tinbancos, para queremos igualar-nos à família real da Dinamarca?

Espectro - Vossa sabedoria me toca, cara senhora, fosse eu ainda rei e seiíeis marquesa em minha corte.

Prostituta 2 - (breve reverência) - Obrigada, meu umo, não mereço tamanha honra.

Coro (cantando) - Marieta Saturday! Marieta Saturday!

Espectro - Frescinto o ar da manhã. (Dirige-se à heroína que ainda medrosa, permanece num canto). Ergue-te minha filha, não farei mal a ti ou aos teus colegas, sei muito bem que são os comediantes e o trabalho que desenvolvem é muito importante para a sociedade, não foram eles que desvendaram a infâmia, que causou a minha morte? Não tenho motivo para odiá-los, ao contrário, admiro vossa profissão pois ela requer muita visão do mundo em que se vive. Vem, não temas se estou participando da peça é somente para esclarecer ao público que a obra apresentada a pouco é baseada na obra Hamlet, de Shakespeare. Coisas de um jovem autor, entende?

Heroína - É difícil distinguir o bom em meio à turba. Sabemos, senhor, o que somos, mas não o que viremos a ser; se temi, não foi a vós, mas minha própria fraqueza. Tenho medo de um dia ser o que foi Gertrudes.

Espectro - Minha querida Ofélia. (abraça-a) Dos maus virá o castigo. Fica tranquila, assim sempre foi e será até a eternidade. Agora adeus. O relâmpago anuncia-me a aurora; seu fogo imitativo e empalidece. Devo ir, amanhã cedo devo partir para a Argentina, quero conhecer um certo senhor Perón que por lá anda reluzindo de maneira duvidosa, não vejo a hora de avistá-lo com esse cidadão, que dizem, é um espectro como eu, deve ser um tipo interessante. Mas a madrugada já substituiu a noite. Adeus. Lembrem-se de mim. (Desaparece)

(O herói vai saindo pelo lado oposto)

Heroína - Onde vais, herói.

Herói - Preciso ir no banheiro. (Sai)

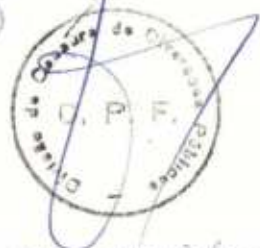
Sapaz 1 - Para o teatro amador essa cena saiu muito boa, meus parabéns.

Sapaz 2 - Tava genial.

Prostituta 1 - Eu fiquei toda arrepiada.

COM CORTES

coste



Colega - Será que eu posso fazer a minha cena agora?

Prostituta 2 - Acho que pode, em todo caso é melhor falar com o contra rega antes, senão já viu, né?

Colega - Não, com ele eu não falo.

Amiga - Fez logo, não dá bola.

Colega - Será que fica bem apresentá-la agora?

Heroína - Claro que fica, vai logo.

(O herói entra)

Colega - Herói, será que você poderia fazer a introdução da minha cena?

Herói - Eu? Eu nem sei como é o texto.

Amiga - Faz você mesmo a apresentação.

Colega - É, é melhor mesmo, eu faço sizzinha. (Ela prepara-se ajeita os cabelos e a roupa. A Prostituta 1 desespera-se).

Prostituta 2 - Não. Não faça isto, por favor, não destura tudo.

Prostituta 1 - Nossa! Que é isso? Acabo de não entender.

Colega (para a prostituta 2) - Me larga.

Rapaz 1 - Chega! Se deve ser assim, não adianta tentar deter o destino.

Prostituta 2 - Vai destruir a todos, não estás vendo?

Rapaz 1 - Como és tola, nós já fomos destruídos. (Ri amargurado)

Prostituta 1 - De que estão falando? Me expliquem o que está acontecendo?

Colega - Alguém faça a introdução para a minha cena.

Coro - A nossa felicidade depende do nosso discernimento. Não passamos de uma máquina fracassada.

Prostituta 2 - Um animal que come. (fraca) Que come... que come...

Colega (com raiva) - Calem-se! Quero fazer minha cena.

Heroína (distante, como louca) - A claridade divina... a... claridade... o ar, vestido lúcido de terra!... Terra... quantos lamentos... quantos lamentos ouves. (Ri).

Colega (para o público) - Eu vou apresentar o Monólogo da Colega de Heroína, eu sou a colega dela (aponta a Heroína alucinada), portanto, este é o meu monólogo. Eis-me pois chegando à casa de minha colega, ela me convidou para tomar chá. É domingo e está calor. Eu more do outro lado da cidade, para chegar aqui tive de tomar dois ônibus.

Prostituta 2 (geme) - Não!

Colega - Vou bater. (Imita o ruído de batidas delicadas com a voz) Pom Pom. Pom. (Os atores batem forte, simultaneamente, num som de expectativa). Pom. Pom. Pom. (pausa. Ela fala como se estivesse decorado mal o texto) Estranho! Parece não haver ninguém em casa. Será que a porta está aberta? (Abre a porta imaginária). Está. Vejam só como essa guria é descuidada. Que falta de responsabilidade! Não sei como tem gente que ainda tem coragem -

Teatro de Arênia  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.9242 - CEP 90020-021



23



24

Colega - ... de dar o papel principal para esse tipo de pessoa.

Amiga (do fundo) - Cala boca imbecil. Se a porta estivesse fechada, você seria obrigada a voltar para casa, e não teria chance de fazer o seu monólogo xarope.

Colega (ingênua) - E... Você tem razão. (retoma o texto) Graças a Deus! Ainda bem que a porta está aberta. Felizmente a heroína é descuidada, assim poderei entrar e esperá-la aqui dentro. Não tem como ser rico, ela tem até ar condicionado em sua casa. E esse bairro é tão fino; as casas são belíssimas.

Prostituta 2 (desesperada interrompe-a) - Volte para casa, não faça isso. Volte.

(Dois atores pegam-na e a levam para o fundo)

Prostituta 1 - Coitadinha, não façam assim com ela, está nervosa.

Colega (fazendo esforço para manter-se natural) - Para tornar meu drama de moça pobre ainda maior, tive de pegar dois ônibus superlotados, pois hoje há jogo. E eu vim espremida entre braços e pernas suarentos e terrivelmente sensuais. Um negro de bermudas brancas coladas em suas coxas peludas... e... aqueles olhos azuis... sentado... de bigode. Tive vontade de acariciar aqueles cabelos louros que voavam roçando meu braço. E o ônibus a correr... correr... e os corpos de suor colavam-se ao meu... e o suor a correr... (Ela volta a si) A heroína me convidou para o chá, para que eu possa conhecer seu namorado, só que eu já o conheço.

C. Regra - Preparem-se para o desenlace, amigos. Atração começou a rondar o palco desse teatro. A sujeira mistura-se à inveja para que o final seja uma trama sangrenta. (para a colega) Eu te proíbo de usares teu veneno de maneira incontida. O mal que deves causar, não deve ser maior que a destruição deste amor entre herói e heroína.

Todos (gemem) - Não!

Colega - Sai daqui, estúpido! Sei que o meu papel nesta peça não é grande coisa, porém eu vou querer me destacar pela traição ou pela mentira. Posso ser pobre, mas tenho honra, viu?

C. Regra - Eu conheço o texto beleza. Eu conheço o texto e sei que tu és capaz de fazer por um homem. Mas ó... aí vem o herói.

(Entra o herói apenas de calção enxugando-se como se saísse do banho. O C. Regra sai).

Colega - (recatada, fingida) - Oh...

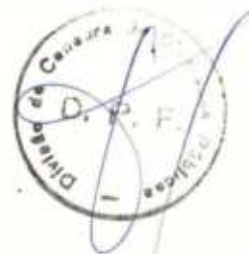
Herói - Oh...

Colega - Pensei que não houvesse ninguém aqui.

Herói - Estava tomando banho.

Colega - Sua namorada não está?

Herói - Foi ao cemitério.



Herói - Ela quer saber algo?

Colega - Ela quer saber se devo ir?

Herói - Não, não vá. Não vá ao trabalho. Não vá ao trabalho.

Herói - Não vá.

Herói - Ela quer saber se devo ir?

Colega (indecisa, apreensiva) - Não, é que se eu for, eu por todo o mundo vou perder.

Herói - Tudo o que, benequinha?

Colega - A heroína vai chegar bem na hora. Ela tenta abraçá-la.

Não faça isso que eu não sei me controlar.

Herói - Você é tão simpática.

Colega - Você não sabe que no ônibus havia um negão de herculas e...

(Ela tenta novamente) Você vai se arrepender, não me toque.

Herói - A heroína nunca se falou de você.

Colega - É que ela sabe do que eu sou capaz. Me sirva um uísque.

(Ela levanta-se e pega um garrafa)

Herói - Com gelo?

Colega - De qualquer jeito. De qualquer jeito.

(Ele senta-se junto dela e a abraça)

Herói - Você não conheceu essa amiga da minha namorada antes?

Colega (nervosa) - É que eu não sou amiga, eu sou só colega, só colega.

Herói - Linda.

(Ela toma o uísque de um só gole)

Colega - Foi você quem pediu. (Abraça-a com toda a força, caem no chão)

As luzes se apagam).

(Os atores gemem tristes pela traição).

Heroína (entrando no escuro) - Quem está aí? Quem está aí? Herói é você?

Meu amor? (As luzes acendem-se, o Herói e a Colega ainda estão no chão) Ah! Desgraçados!

Colega (arrumando-se) - Eu fiz o possível, mas ele insistiu. Eles estão de prova. (aponta ao público) Digam para ela. Digam.

Heroína - Cretinos. Vagabundos. Nojentos.

Herói - Eu não pude resistir, ela me tentou e usou o meu nome, né?

Heroína - RUÁ! Saíam daqui. Saíam!

Colega - Eu juro que só vim para o chá.

Heroína - Saíam! Saíam! (Quebra coisas à sua volta. Os dois saem; ela deixa-se cair abandonada, chorando; instantes depois o herói volta)

Herói - (medroso) - Posso pegar minhas roupas que ficaram no banheiro?

Heroína - Mas eu já disse! (Ela sai...)

(As luzes morrem. Uma música animada anuncia a chegada da Negra)

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



C. Regra - Bem feito. Bem feito. Todos metidos a sabidoões e no fundo não passam de um bando de vadios. Têm que se ralar. Têm que se ralar. (nota o público) Oh. Vocês viram, não viram? O que é que eu tinha dito? Estava escrito. É do texto, não adianta querer fugir, só que agora eu não sei como é que vai terminar essa peça, o final é xarope, um seco. Vou dar um telefonema. (sai)

Coro - Todos sabemos que a mulher é um tipo instável e de reações imprevisíveis. Não existe na natureza um espécime tão complexo e com o modo tão estranho de sentir como a mulher. Para ela nós criamos a Colonia Bilboque, um perfume que acompanha as metamorfoses da alma feminina. Bilboque odora seu estado emocional e dá personalidade para quem não tem. Bilboque acompanha a intenção do seu oíbaã.

Estréla do Cinema - Minha querida, não seja idiota, faça como eu, eu e mais oito estrélas do cinema: use Bilboque.

Coro - Enãp pergunte porque!

Rapaz 1 - E agora passamos a apresentar mais um capítulo da emocionante novela: Herói e Heroína. (Música. Um ator passeia com o cartaz: A Queda de Um Herói. O Contra-Regra entra).

C. Regra - Depois do ato vil que destruiu o amor que mantinha de pé nos a história, eis ali o herói tombado na lama do desespero, pelos seus olhos, vese logo que transformou-se em amis uma vítima da cachaça. Arrasta-se como um inválido pelas ruas da metrópole aqueleque antes fora o sonho das moças desta cidade. Pobre rapaz, mal sabe que o remédio para o tédio é outro acéidio.

(Os atores, distantes, passam por ele, como pessoas na rua, sem prestar-lhe atenção. O herói rasteja, pedindo ajuda. Tenta erguer-se e cai, buscando uma saída, não encontra).

Herói - (grita) - Ah... Perdoai-me eu não sei o que faço. (Todos param). Surge nas trevas um ponto de luz que se aproxima para mostrar-me, com seus raios luminosos, o pó que sem alimentado meu corpo inválido. Que espécie de homem sou eu rastejando junto ao chão qual uma ave ferida pela arma do caçador? Porém, em minha história eu sou minha própria caça e caçador, na minha passividade, encontro minha destruição. Perdoai-me eu não sei o que faço.

(Entra em cena com uma música celestial um anjo que de repente aproxima-se do herói que chora).

Anjo - Ergue-te da terra homem-criança, não te deixes abater ao primeiro golpe. Eis aqui o cálice do discernimento, se beberes, bebe do líquido que há nele, só então conhecerás a verdade.

Herói - O álcool substitui em minha boca o sabor dos beijos de minha -

Herói - ... amada. Anjo se queres, passa a mim este cálice de verdade  
contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua. (Ele bebe  
e chora) Não, (todos choram à sua volta) por favor, não choreis  
por mim, chorai antes por vós mesmos e por vossos filhos. Tu -  
do o que surge em minha frente é lindo demais para que eu se-  
ja lastimado.

Prostituta 1 - Herói, não entendo muito da coisa, porém, lembra-te de  
mim quando findar tua dor.

Herói - Em verdade, pureza, te digo que farás parte da minha vida.  
Anjo, em tuas mãos entrego meu espírito, transforma o animal  
em homem genuíno, faz-me conhecer a justiça absoluta e encon-  
tra a emancipação de minha alma.

Anjo - Assim como foste tua própria caça e caçador, assim serás teu o-  
perário e patrão de agora em diante. Não serei eu a te conduzir  
o primeiro passo para tua emancipação, será dado quando compres  
endereços não precisas de um cão para guiar-te em tua ceguei-  
ra, pois se não consegues ver é porque fechaste os olhos, a --  
tra-ça e saberás te conduzir. Esquece o fantasma da submissão -  
que faz de ti um fantoche, não um ser pleno e consciente.

Herói - Jamais serei isso anjo, jamais.

Anjo - Então estás aleijado para sempre. Se queres, esta é a única chan-  
ce que te dou; dá-me tua mão e acompanha-me, pois um novo dia -  
começa a nascer e antes de estar alto o sol, deve ter inicia-  
do tua caminhada.

Herói - Será este o dia do entendimento?

Anjo - Vive-o e depois saberás a resposta. Vamos, vamos depressa, é pe-  
queno demais para que o tempo pare por tua causa. (saem).

Coro - Somos pequenos demais para que o tempo pare por nossa causa. -  
Quo vadis? Quo vadis? Vadis. Vadis. Quo. Veni. Vidi. Quo? Vero.  
(A heroína entra)

Todos - O herói partiu. O herói partiu. O herói partiu.

Amiga (aproximando-se dela) - O herói partiu.

Heroína - Para onde foi?

Amiga - Não sabemos.

Todos - Partiu. Partiu.

(Toca a música do início da peça)

Rapaz 1 - Quanta noite à nossa volta! Nossa alma ferida cai num poço e  
sem fim, pobre herói que já vem, pobre eterno Ulisses!

Rapaz 2 - Ah, eis o novo Apolo, que desconhece os muros escorregadios  
da vida.

Rapaz 3 - Quem jamais viu, jamais poderá saber que a luz e a harmonia  
nunca poderão unir-se.

Rapaz 1 - Vamos cantar.

Rapaz 2 - Vou dormir...



**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Heróina - Aí não, é para a peça. A peça não pode  
Prostituta 1 - Não, prostituta não pode terminar? De que  
jeito eu vou acabar perdendo o meu estribo.

(Lentamente é praticada a cena até ao fim. A peça se encerra que  
diz Fim)

Prostituta 2 - Acho que agora já se pode terminar, o que tinha que a-  
contecer, já aconteceu. (Ela se coloca no meio do palco  
com o cartaz. Os atores que haviam assumido a posição  
início da peça começam a perguntarem-se e a fazerem si-  
gnal, sem saber se é mesmo o fim. A cortina ameaça fe-  
char-se mas não fecha).

Prostituta 2 (para o público) - É o fim gente.

(Esperar a reação do público até dar entrada para o C. Regra).

C. Regra (afobado) - Espera aí. Espera aí. Ainda não terminou, essa  
vagabunda (mostra a prostituta 2) não sabe nada de teatro.  
Como sou eu o apresentador, contra-regra e diretor desse espe-  
táculo, resolvi modificar, com a ajuda do autor dessa peça,  
o final desse negócio. Esse troço ficou muito xarope e sem  
sentido, a peça saiu toda errada, e para não deixar vocês  
frustrados, o que eu acho uma falta de consideração, telefo-  
nei às pressas para o autor para que ele viesse até aqui arru-  
mar o final do espetáculo e eis que lhe apresento o criador  
de Herói e Heroína. Senhoras e senhores. (Ele aponta para o  
fim, ou fundo da sala onde entra um ator fazendo o gênero do  
intelectual burguês, bem vestido e cheio de si, desdenhoso,  
egocêntrico e narcisista. Ele caminha até o palco acenado com  
a cabeça para o público).

- Palmas para ele, senhores, palmas para o gênio da literatura na-  
cional.

(O C. Regra aplaude entusiasmado. O autor sobe no palco.  
vão saindo).

Autor (para o C. Regra) - Traga-me um espelho, por favor.  
busca rápido. O autor olha-se, arruma os cabelos. Dá o espelho  
para o C. Regra segurar, espreme uma espinha do rosto, levanta  
os lábios, limpa os dentes, pigarreia, coça no chão para trás,  
Primeiramente, obrigado por terem vindo assistir minha peça. A-  
pesar de todos os imprevistos dessa apresentação creio que a mes-  
sagem que eu procuro transmitir neste texto foi entendida. He-  
rói e Heroína nada mais é que um libelo. Um grito contra as guerras,  
a fome e a miséria causada pelo egoísmo do homem atual. Es-  
ta peça tem um sentido anti-apocalíptico dialético surrealista  
e basal. Pode ter parecido simplório aos olhos da maioria, po-  
rém a extensão da linguagem não é melhor do que a visão dos  
pensamentos, e regras da metafísica contempóreas a precisão da



28

Autor - ... secularismo da obra-prima. A pesquisa científica está presente em Herói e Heroína como em toda a análise de formula matemática e racional.

Todayia, mesmo sabedor de que se dissesse foi compreendido, por solicitação do senhor contra-regra, resolvi apresentar um outro final que servirá que servirá para alegrar o ambiente simplesmente, ou então, passará a ser o final dos possíveis não entendedores da peça. Assim, Com o meu sincero muito obrigado, acrescento o novo final de Herói e Heroína.

(Toca a Marcha Nupcial de Mendelson. Pela plateia entram os atores em alegre cortejo, jogando papel picado, atrás, entram os noivos: Herói e Heroína. Dirigem-se para o palco onde o C. Regra assume o papel de Juiz. Fazem a encenação do casamento).

Herói (para o Juiz) - Sim.

Heroína - Sim . .

(Final do casamento: todos se abraçam cantando "Deus salve a América").

FIM.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



HERÓI E HEROÏNA  
de Juscelino Kubitschek

Ato Único

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Abertura

É noite. No palco, à esquerda do público, junto a um sinal de parada de ônibus, de costas, estão três atrizes, tem livros nas mãos. Música. O grupo está imóvel e não fala. (três tempos) À esquerda entra um carro de papelão desenhado como uma obra infantil, dois atores carregam-no como se estivessem dirigindo-o, imitam o motor com a voz. Tem um at estúpido; Olham para as colegiais "paquerando-as", param o carro do lado direito, "saem" e começam a fazer sinais convidativos a elas. As atrizes continuam impassíveis durante algum tempo, de repente, num movimento rápido e inesperado, sempre de costas para o público, com um uivo e um gesto fe- rino elas rechaceiam os dois atores, que voltam ao carro de maneira trágica como se estivessem feridos, e saem desta vez imitando o som de um motor que falha. As atrizes voltam à posição inicial. (tempo) Entram duas prostitutas caricatas no ritmo da música, postam-se no lado direito, tomam uma atitude sensual exagerada e imobilizam-se. Novamente entra o carro (pode ser outro). Mesma cena de antes, porém quando vão parar notam as prostitutas que movimentam-se convidativas, eles fazem uma careta e partem rapidamente. As prostitutas, tristes, assumem a posição sensual de antes e permanecem estáticas. As outras murmuram algo como uma prece. As prostitutas soluçam. (tempo) Outro carro entra, o mesmo que acontece na cena anterior. Um mendigo surge na platéia catando lixo no chão, murmurando coisas imperceptíveis; tem tiques nervosos, ri por nada e observa tudo atentamente. Porta uns sacos e sacolas onde coloca tudo o que encontra, lentamente, vaga de um lado para outro na sala, aos poucos aproxima-se do palco. Não citaremos mais esta personagem durante o texto, sua atitude cênica ficará a cargo da direção e do ator; ele tem inteira liberdade desde que não interfira inconvenientemente no trabalho dos demais. À medida que o marginal aparece na platéia, no palco, a peça continua. Três atores entram pela esquerda, sua fala é distanciada e primária.

Rapaz 1 - Quanta noite à nossa volta! (pausa breve) Nossa alma ferida cai num poço sem fim, pobre herói que já vem, pobre eterno - Ulisses!

Rapaz 2 - Seus olhos tem receio de ver, porém seu retrato é obra de Fídias ou de outro clássico qualquer. Ah, eis o novo Apolô, que desconhece os muros escorregadios da vida! Quem jamais viu não poderá saber que a luz e a harmonia nunca poderão unir-se.



Rapaz 3 -- Sinto claramente, nas sombras, a presença de seu espírito próximo. O destino quis que tivéssemos a visão de um titã...

Rapaz 1 -- Vamos sentar ali, ele não deve tardar. (Os três sentam-se num ponto ao centro do palco).

Rapaz 2 -- Vou dormir, se nosso divino ser, aqui surgir, acordem-me.

Rapaz 3 -- Dorme tranquilo teu sono, meu irmão, eu ficarei na vigília.  
(As atrizes murmuram alto palavras soltas)

Rapaz 1 -- No pântano da existência a lama me sobe até a boca e eu silencio.

(Tempo. Entra um ator de bela estampa, bem arrumado, porém, tem no peito um cartaz onde se lê: NOSSO HERÓI. Mansamente dirige-se ao grupo das três moças, que, mesmo de costas, deixam perceber a excitação, arfam nervosas como que esperando que ele fale)

Herói -- Desculpe-me...

(Elas se viram, neste momento vê-se que cada uma trás também algo escrito no peito, ou seja: A HEROÍNA, numa delas, e as outras: SÓ COLEGA e MELHOR AMIGA DA HEROÍNA).

Juntas (nervosas) -- Como?!

Herói (doce) -- Queria saber se é aqui a parada do ônibus.

Amiga -- O ônibus?... Sim, é aqui a parada do ônibus.

Colega -- Bem aqui onde estamos.

(Os três ao fundo levantam-se embevecidos com a presença do herói)

Rapaz 1 -- Será que é ele mesmo?

Rapaz 2 -- Claro, não viu que está escrito: Nosso herói?

Rapaz 1 -- Eu não sei ler.

(As duas prostitutas choram, tragicamente embevecidas, ou, emocionadas)

Heroína -- Eu sou a heroína desta peça e só a mim você deverá amar.

Herói -- Desde já eu a amo.

(A amiga e a colega voltam as costas enraivecidas).

Rapaz 3 (chateado) -- Eu vou embora.

Rapaz 1 -- Espere.

Rapaz 2 -- Esse não é o novo Apolo, vamos para casa.

Rapaz 1 -- Cale-se. É Ulisses sim.

(As prostitutas olham o casal amarguradas)

Heroína -- Você é estudante?

Herói -- Sim estou fazendo Administração de Empresas.

Heroína -- Que lindo!

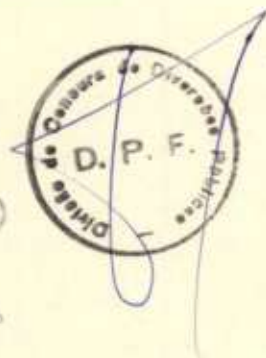
Herói -- E você estuda à noite?

Heroína -- Não, estou saindo do curso de Inglês.

Herói -- Você gosta de inglês?

Heroína -- Adoro línguas.

Herói -- Eu também.





Herói - Feitos um para o outro.

Heroína - Também estás ouvindo?

Herói - De que falas, meu anjo?

Heroína - Dos sinos...

Herói - O que pensas serem os sinos? São os fuzis da paixão, que tomam posse de nosso coração.

(Ele toma a mão da heroína e leva-a ao peito. Neste momento entra em cena um atrevido como se estivesse trabalhando duro; - na sua roupa está escrito CONTRA REGRA; entra afobado).

C. Regra - Pára. Pára. Que coisa mais xarope! Como é que pode? Quem é que disse que esta cena era assim?

(Os atores surpresos olham-se sem entender)

Heroína - O que é isso? Que é que você quer?

C. Regra - Eu quero saber quem é que mandou vocês fazerem essa cena assim?

Herói - Foi o diretor, ora.

C. Regra - Logo vi, só podia ser aquele... mesmo. Bem, vamos mudar tudo. Onde já se viu fazer peça sem cenário? Peguem tudo o que houver de cenário velho aí atrás do palco e ponham na cena. Imaginem só, o que o público vai pensar de nós, com um palco vazio desse jeito.

Prostituta 1 - Mas estava assim no texto, não estava? Parece que eu vi.

Prostituta 2 - Sim é isso; o autor inclusive colocou no texto.

C. Regra - E, mas não tem nada, eu acho que não dá e pronto, vamos trocar tudo e fim de papo.

Heroína - Vou chamar o diretor, isso não pode ficar assim.

C. Regra - Não adianta, o diretor foi var um emprêgo que ele leu num jornal. Ele pediu que eu tomasse conta da boca enquanto foi lá. Agora chega, vamos logo trocar essa besteira de vocês, tirem os cenários.

Herói - Mas, ali atrás só tem porcaria.

C. Regra - Traz esteou mandando!

(Todos sem preocupados e começam a trazer restos de cenários e põem em cena). O contra regra fala ao público desajeitadamente)

tadamente)

Os senhores nos desculpem esse imprevisto, essa coisa acontecer, é claro que o autor e o diretor se enganaram nesse negócio de não usar cenário nepeça, vai ver que esqueceram... só pode. Afinal vocês pagaram para assistir uma peça de teatro completa, e uma peça sem cenário vale só meia entrada. é ou não é? Eu acho que a gente tem que ser honesto, e para não ter que devolver a metade da entrada que vocês pagaram, a gente vai quebrar o galho com um cenário improvisado, mas sempre é um cenário, melhor que nada, é ou não é? (para os atores que arrumam o palco) Vamos lá, mais rápido com isso. (ao público) Pois é isso. (para os atores que arrumam o palco)

## Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



3. Regra - ... (text is mirrored and mostly illegible)

Acervo (doação de mais um volume) - É mentira! Cai fora chinês! -  
(Esta boca bichosa. Sai daí está. Me arranca palhaço. (Con -  
fusão normal)

4. Regra (sem jeito) - Não não acredito, mas tá no texto. Tá no texto...  
É o ego que se apresenta por pessoa. É que todo mundo está -  
nervoso, é a hora... Não quanto aqui, é ou não é? (pauze) -  
Não é que está querendo tá pelo nome com aquele calorão.

5. Regra (decisão de apertar) - Quem está querendo tá esse não eu. Quem  
está querendo tá para fazer uma coisa a fazer não? Será que eu  
querendo que não posso de no contra-regra?

6. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

7. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

8. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

9. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

10. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

11. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

12. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

13. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

14. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

15. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)

16. Regra - Tá no texto... (text is mirrored and mostly illegible)



Prostituta 2 - Não acho direito, já pensou a repercussão disso?

Rapaz 3 - Ah, é, estamos queimados para o resto da vida.

Prostituta 1 - O diretor ainda não chegou?

C. Regra (irônico) - Não, o diretor ainda não chegou, e, sendo eu o seu representante, neste momento exijo que façam o que eu mandar.

Heroína - Nunca!

Amiga - Audacioso!

C. Regra (imperativo) - Sem mais conversas., ordeno que se faça a cena do beijo, alguém tem algo contra? (todos se calam) Hein?

Heroína (revoltada) - Eu não obedecerei um tipo como você.

C. Regra - Se não está contente a porta está aberta, vá embora. (Olha para todos) Quem não estiver gostando: Rua!

Prostituta 2 - Não podemos ficar desse jeito, devemos ter calma, tudo se resolverá, nós estamos no início da carreira não podemos nos devorar uns aos outros. Talvez o contra-rega tenha uma idéia boa, se não der certo a culpa não será nossa.

Rapaz 1 - É isso aí, ficar parado não dá, ou vai todo mundo embora ou a gente faz o que ele quer.

Heroína - Mas ele vai estragar tudo.

Herói - Vamos tentar, talvez ele tenha razão.

Heroína - Vocês estão se submetendo a um ignorante, esse cara é uma besta!

Amiga - Não custa nada tentar, de todo jeito está tudo perdido mesmo.

Heroína - Tá legal. Tá legal. Antes eu vou fazer uma coisa. (dirige-se ao público) Boa noite. Os senhores são testemunhas de - que está acontecendo aqui. Diante de vocês todos eu quero dizer que não me responsabilizo por nada do que se fizer nesta peça; eu vou fazer, e antes disso eu já lhes peço perdão pelo vexame de nossa representação. Obrigada. (Olha para os atores) Eu já estou pronta.

C. Regra - Sendo assim, que se comece logo o nosso maravilhoso circo teatral: Herói e Heroína, uma história água-com-açúcar. (Música alegre)

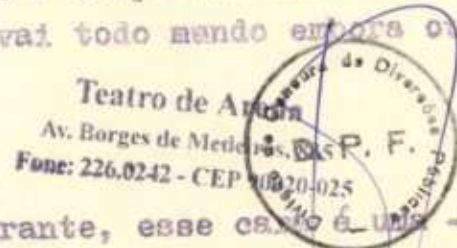
(O contra-rega sai saltitando e dançando. Corta a música. Confusão de sons. Um ator pega um cartaz que diz: O PRIMEIRO BEIJO. Os outros retiram-se da cena, fica somente a prostituta 1; heroína sobe num balanço e começa a embalar-se)

Prostituta 1 - E eu o que é que faço? (Olha ao redor, fala para os baguidores) Que é que eu faço? Não entendi nada.

C. Regra (de fora) - Sai daí gaita burra, tu não entras nessa.

Prostituta 1 - Ai, que bagunça! (Vai saindo sem graça) Que vergonha, credo! Nunca mais. (Esbarra nas cortinas ao sair).

C. Regra (de fora, baixinho) - Começa logo. Anda. Olha a hora. (A heroína embala-se e canta uma música qualquer).



(entra o herói)

Heroína (vendo-o) - Você veio mesmo?

Herói - Sim, eu vim.

Heroína - Não imaginava...

Herói - Eu prometi, não?

Heroína - Prometeu e veio.

Herói - Como sempre faço quando prometo.

Heroína - Que bom!

Herói - Que fizeste nestes dias?

Heroína - Que poderia fazer senão pensar em ti?

Herói - Posso embalá-la?

Heroína - Bem devagar, tenho medo. (Ele empurra delicadamente o balanço, ambos riem) Eu queria lhe pedir uma coisa.

Herói - Peça o cometa e ele será teu.

Heroína - Não precisa tanto, quero somente uma pequena foto tua, para tê-la sempre perto de mim.

(O herói tira uma imensa foto - poster - de dentro da roupa. A heroína desce do balanço).

Herói - Aqui tens minha foto; não para que olhando e lembres, mas para que lembrando de olhes. (Ela pega a foto emocionada)

Heroína (apaixonada) - Não para que olhando e lembres, mas para que lembrando de olhes. Amar é não ter jamais que pedir perdão. O amor é tudo. Só o amor constrói.

Herói - Se amar é sorrir e chorar. meus sorrisos e minhas lágrimas são por ti. Se amar é crime jamais serei inocente. Quando o limão adoceia, quando o açúcar azedar, quando o oceano secar, só então deixarei de te amar.

Heroína (atirando-se em seus braços) - Oh querido! (beijo apaixonado)  
(De fora todos gritam, assobiam, batem palmas)

Herói (mudando o tom) - Sabe que horas são?

Heroína - Não, estou sem relógio. (Gritando para os bastidores) Que horas são?

C. Regra - (de fora) - Aqui ninguém tem horas. Pergunta para alguém na platéia.

(A heroína vai até o público e pergunta as horas, confirmando em vários relógios. Volta ao palco e diz as horas ao herói).

Herói - Já? Coma é tarde. Devo partir, prometi levar minha irmã ao clube.

Heroína - Não parta, fica mais um pouco.

Herói - Não posso, tudo o que prometo eu cumpro.

Heroína - Você mal chegou, mal conversamos.

Herói - Sim, porém o mais importante foi feito: foi dado o primeiro beijo. era isso que a gente tinha que fazer em cena, não era?



Herói - ...o que é que vem no texto?

Herói - Ah, não me lembro. (Pensa) Espera! Claro, é a despedida.

Heroína - Tem certeza?

Herói - Absoluta. (Ele a beija e vai embora. A heroína fica só e triste).

Heroína - Bah, dois beijos, assim, um em cima do outro?

Herói (volta ao personagem) - Adeus meu amor, amanhã voltarei.

Heroína - Pensa em mim. (Beijam-se. A heroína fica só e triste)

(Entra o contra-regra seguido do grupo. Ela corre para o Herói.)

C. Regra - Tá legal. Tá legal. (separa os dois) Chega. Acabou a cena, vamos mudar tudo de novo. Vamos trocar tudo. (alto) Trocar o cenário! Trocar o cenário!

Heroína - Como? Vai querer inventar outra patifaria das suas, agora? Não cansou ainda?

C. Regra - Calma filhinha, calma, o que eu decido não importa, o principal é que vocês me obedçam. O que eu quero que seja feito é um espetáculo movimentado, a opinião dos atores é lixo - para mim, é ou não é? Isto é teatro de vanguarda!

Prostituta 1 - E daí? Que é que a gente faz agora? Eu estou com pressa, tenho um compromisso importante.

C. Regra - De acordo com os meus objetivos, devemos passar logo para a cena do aniversário, que é um dos pontos mais vibrantes de Herói e Heroína, é ou não é?

Rapaz 1 - Eu concordo.

Rapaz 2 - Eu também, é genial.

C. Regra - Bem, sejamos democráticos: façamos uma eleição! Quem estiver de acordo com a cena do aniversário, levanta a mão. Vamos - lá, um...dois...tres... (Todos levantam a mão menos a heroína, o contra-regra irônico fala para ela) Maioria absoluta! Comecem logo, preparem tudo. (Os atores contentes arrumam-se e preparam a cena, a heroína enraivecida mantém-se longe de tudo. A prostituta 1 vem até ela).

Prostituta 1 - Você não vem nos ajudar heroína, está sentindo alguma coisa?

Heroína - não. Eu estou muito bem, pode ficar tranquila.

Prostituta 1 - Olha, se você precisar de alguma coisa é só me pedir, viu? (A prostituta 1 sai. Um ator mostra um cartaz: CENA DO ANIVERSÁRIO).

C. Regra -(aparecendo na cochia) - Tudo pronto? Vamos lá? (sai)  
(As luzes se apagam. Todos se preparam).

Prostituta 1 - Shi! Faltou luz.

Amiga - Não é nada disto, abobada, a cena é assim mesmo.

Herói - Tragam logo o bolo daí.

(Alguém entra trazendo um grande bolo de aniversário com as velas)



(Todos cantam o "Parabéns a você". Após isto tomam a posição de coro).

Amiga - Desejo que a tua vida seja como a matemática:

As tristezas diminuídas,  
as alegrias adicionadas,  
os amores divididos  
e a vida multiplicada.

Rapaz 1 - Quando a vida oferecer a você um limão, faça dela uma limonada.

Rapaz 2 - No dia em que festejavam meu aniversário

Eu era feliz e ninguém estava morto,

Na velha casa até meu aniversário era uma tradição secular...

Colega - Quando vim a ter esperanças,

já não sabia ter esperanças.

Quando vim a olhar o sentido da vida

já não existia mais vida.

Prostituta 2 - É tão lindo fazer anos

tantas luzes acesas, tantas vozes

risos e sorrisos alegres e religiosos

Ó meu Deus! Meu Deus, meu Deus!

Hoje já não faço anos. (Pausa) Duro.

(Trazem uma coroa de flores e colocam-na na cabeça da heroína)

Coro - Felicidades menina

Que a boa luz que hoje te ilumina,

seja tua eterna companheira

na boa e má sina.

Heroína - Muito obrigada meus amigos, estou tão feliz. (Abraça a todos.

Um ator destaca-se, tem no peito a placa: PAI).

Pai - Quem é seu namorado, heroína?

Heroína - É o herói papí. Herói, venha cá venha conhecer o meu papí.

Herói - Seu... papí?!

Pai - Eu sou o papí da heroína.

Herói - Ora vejá, este é seu papí.

Pai - E o senhor quem é?

Heroína - O herói é genro do papí, papí.

Pai - Que vem a ser um genro?

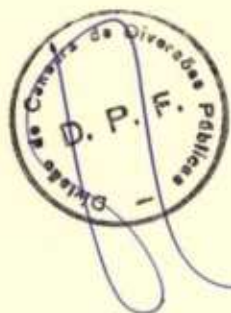
Herói - Sou o amado de minha amada, que, por pura coincidência, é a filha de papí.

Pai - A filha de papí é minha filha, que coincidência! Então o senhor é o meu genro.

Heroína - O herói é meu namorado e genro de papí.

Pai (para o público) - O que é a vida de um pai senão um calvário ado-

ricado? Primeiro, somos o amante da mãe de nossos filhos; e...



as coisas começam a ser mais complicadas e os beijos mais raros. De marido a pai, é num abrir e fechar de olhos, e a vida nos dá como prêmio de consolação o cargo de chefe de família; e as bocas não são mais para ser beijadas, só querem comida. E quando a gente se dá conta, está sendo crucificado por um estrangeiro qualquer que na surdina, penetra em nossos lares, e então, descubro que minha filha ganhou um namorado e eu, sem jamais ter solicitado, sou possuidor de um genro. Quer dizer, nossa opinião vale tanto quanto os detritos que ofertamos ao vaso da patente.

Herói - Agora, além de uma filha, o papí terá também um filho.

Pai - O senhor não acha que está indo longe demais?

Heroína - Diga a papí que o herói é rico.

Herói - Papí, o herói é rico.

Pai - Quanto paga para o Imposto de Renda?

(O herói cochicha no ouvido do pai)

Herói - Que pensa disso?

Pai (stônito? recompõe-se, muda o tom) - Que tal se nós sentássemos um co? (Indica uma cadeira para o herói, os tres sentam-se).

Herói - Obrigado. (tempo)

Pai - O herói mora só ou com os pais?

Herói - Me. pai me deu um apartamento quando fiz vestibular.

Pai - O herói tem um carro?

Herói - Dois. (Pausa longa) A Europa é no outono, muito linda, porém a primeira primavera também tem o seu charme. O Monte Branco está coberto por neves eternas. Paris é maior que Berna, porém o Museu do Prado está em Madri. Verdi compôs óperas e Vivaldi nunca compôs óperas. Sócrates foi um grande filósofo da Grécia, assim como Platão. Freud explica muitas coisas. Tudo é relativo. Quando Hitler subiu ao poder o homem ainda não tinha chegado à Lua.

Pai (maravilhado) - Céus! Que cultura! Tão jovem e tão sábio. Que poder de comunicação tem esse rapaz! (para o herói) O senhor deve ser muito viajado.

Herói - Sim, nas viagens as pessoas deslocam-se.

Pai - Com toda a razão. Vejo que tem um espírito aguçado.

Herói - Fruto de meu esforço mental, papí.

Pai - Sem dúvida.

Heroína - É lógico.

Herói - É típico de meu meio.

Heroína - O herói - é rico e viajado.

Pai - E cultivado como se nota de imediato.

Herói e heroína - Nós nos amamos.

Rezando as atores tomam a posição de cena e aproximam-se os



... frente do palco).

Coro - Mas não te iludas! Teu castigo chegará!

Em meio a tantas loucuras convém fazer silêncio,  
Quando a conta é alta, a ... mediocridade é maior ainda,  
e nós nos calamos.

(Música forte. Todos alegres dançam e saltam)

Rapaz 1 - Dizem que beijar na boca  
é pecado horroroso.

Oh, meu Deus,

Por que criaste um pecado tão gostoso?

Rapaz 2 - Deus quando fez a mulher,  
Fez com tanta gentileza  
deu-lhe um corpo de musa  
e o cérebro de lesma.

Colega - Deus quando fez o homem,  
fez com toda cerimonia:  
o corpo de um boneco  
e a cara de um sem-vergonha.

(Todos brincam alegres)

Rapaz 3 - Eu quisera ser uma lágrima  
Para em teus olhos nascer  
em teu rosto correr  
e em teus lábios morrer.

Coro (ritmado) - Amor. Amor. Amor. Amor. (Música forte todos dançam)  
Viva o romance de herói e heroína. (Cantam o "Parabéns a você no  
ritmo frenético da música. Quando chegam no último verso o pai  
cai morto, vítima de um colapso)

Heroína (precipitando-se sobre ele) - Papá!!!

(Silêncio. Todos fazem poses de horrorizados. O herói examina o  
corpo detidamente de uma maneira grotesca)

Herói - (Circunspecto, dando o veredicto) - Está morto;

Todos (gemido dramático) - Oh!

Prostituta 1 - Bah, que chato, né? Logo agora que a peça estava ficando  
tão boa;

Prostituta 2 - Não diga isto prostituta 1, que falta de respeito!

Prostituta 1 - Mas é mesmo, agora ele estragou a festa da pobre da guria,  
ela já estava grilada com o contra-regea, agora perde o --  
pai, é dose, né? Alguém sabe as horas?

(Um ator pega um cartaz que anuncia as LAMENTAÇÕES DA HEROÍNA)

AS LAMENTAÇÕES DA HEROÍNA





Heroína - Sinto vergonha, amigos meus, de entregar-me a essa dor demasiada; suportai-me; pode haver ponderação no desespero? Não existe mal maior do que ser órfã agora, aqui estou, abandonada no mundo que desconhecerei. Jamais me livrarei de minhas mágoas, de meus soluços incessantes!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - 226.9020-025



Coro (dolorosamente) - Pobre papá. Pobre heroína solitária.  
Coragem filha, coragem. Ainda está no céu o grande Deus, onividente e onipotente.

Heroína - Sim, mas o melhor homem que conheci na vida já não existe mais. Oh papá! Por que te foste? E agora quem há de proteger-me?

Prostituta 1 - Coitadinha, me dá uma pena...

(A amiga da heroína aproxima-se dela). Esta cena deve desenvolver-se de acordo com a "Tentação de Jesus" segundo S. Lucas e S. Mateus; a amiga seria o Satanás. Os demais atores vão para o fundo murmurando uma prece, cada um pega uma vela acesa de cima do bolo da heroína e coloca em volta do corpo do pai, como se fosse uma cerimônia mística, e se afastam para o fundo).

Amiga - Se és mesmo filha de teu pai, manda que o teu pranto se transforme em riso.

Heroína - Nem só de risos vive o homem, bem sabes.

Amiga - Olha esta casa, estas riquezas todas que te rodeiam, a tua conta bancária, a fortuna que te deixou papá, as jóias valiosas que eram de tua mãe, que mais precisas para seres feliz?

Heroína (farta) - Pára con isso, tá?!

Amiga - Tens um namorado mais poderoso ainda, casa-te logo com ele e terás a glória de ser uma das mulheres mais ricas do país. Que mais podes desejar? Estás com tudo nas mãos: Um bom macho e poder.

Heroína (desligando-se da personagem) - Pô, qual é?! Como é que eu vou poder interpretar o desespero de uma filha pela morte do pai, se vem um demônio desses e me põe um monte de minhocas na cabeça? Tá na cara que com uma grana dessas, por mais dedicad que seja a filha, ela não vai chorar muito tempo. Isso é muito contraditório, esse texto não tá, Herói e Heroína não existe mais já era,

Herói - Mas é que este texto é um texto de vanguarda, e tu é que estás interpretando a heroína, quer dizer, tu tens que fazer o teu papel...

Prostituta 2 - Olha parece que o diretor chegou.

Rapaz 3 - Já não era sem tempo.

Amiga 2 (gritando para dentro) - Como é que conseguiu a boca?

Diretor (raivoso) - Não, não consegui droga nenhuma.

Prostituta 1 - Coitadinho, me dá uma pena, ele precisa tanto..

Pai (ainda deitado) - Como é que é? Esse velório não vai acabar nunca?  
Já tô de saco cheio de ficar aqui deitado.

Herói - Aguenta as pontas aí um pouquinho! Vamos continuar pessoas! (para a heroína) Começa logo.

(Ela volta a assumir a personagem rapidamente, recompõe-se a cena)

Heroína (com dificuldade, sem saber o texto) - Pai, não temas por mim, eu saberei me guiar, trata somente de salvar tua alma; É certo que sofro, porém esta tempestade não me abaterá. Apreendi...  
(esquece o texto) Apreendi... Ai, me ajuda, como é que é? Apreendi...

Prostituta 1 - Ai gente, eu tô super cansada, eu vou para casa tomar um banho. Tenho um compromisso importante daqui a pouco.

Diretor - Fica quieta imbecil!

(Ela abama para dentro simplória)

Prostituta 1 Oi tudo bom? Eu já vou indo, tchau.

Diretor (de fora) - Deixa de ser idiota, a peça ainda não terminou.

Heroína (nervosa) - Como é que eu vou me lembrar do texto, no meio duma bagunça dessas?

Prostituta 1 (inocentemente) - Ai, desculpe-me querida, eu estou atrapalhando, não é? (dá um beijo na heroína) Mas eu já vou, tchau, tudo de bom para ti, viu? Sucesso.

(Ela começa a se despedir de todo o grupo, beijos, abraços, etc)

Diretor (de fora) - Que é que esta burra está fazendo?

(Depois de despedir-se de todos, prepara-se para sair pela plateia. O Diretor entra furioso com um jornal debaixo do braço, deixa cair algumas folhas que se esparramam pelo palco).

Diretor - Pare senão eu atiro. (A prostituta 1, de costas, apavorada, levanta os braços).

Prostituta 1 - Piedade. Não me mate, eu ainda estou no início da carreira.

Diretor - Cale-se! Caminhe para trás. Nenhum movimento, senão morre.

Prostituta 1 (terrificada) - Eu waminho... Eu... Eu fico, mas não me mate. Eu sempre fui sua amiga lembra-se? (Lentamente ela caminha para trás) Não deixem que ele me mat. Não deixem.

Heroína - Acabem com isso! Deixem de ser cretinos.

Prostituta 1 - Ele quer me matar, me salve por favor.

Heroína - Ninguém vai matá-la, ele não tem sequer revólver.

Prostituta 1 - Não tem revólver? (tranquila) Puxa, que brincadeira de mau gosto.

(O Diretor alucinado, finge atirar com a arma imaginária e faz o ruído do tiro com a voz. A Prostituta 1 cai, depois ele atira com a arma imaginária).

Matei-os! Matei-os! Agora poderei pro-  
quilamente. (Ri doentamente) Adeus teatro. Adeus escravidão,  
Agora estou livre para trabalhar. (Sai pela platéia) Livre!  
Livre!

Pai (Levantando-se do meio das velas) - Fobre do cara, enlouqueceu.  
Chega de velória. (Apaga as velas. Ao mesmo tempo os atores vão  
se erguendo)

Coro - Uma opinião instável é um grave defeito.

Todos devem encontrar sua linha mestra antes de se lançarem na  
vida.

Amiga - Ah, esse caos está me destruindo!

Tirem-me daqui, não desejo viver na neurose.

Prostituta 2 - Por que todos falam tão bem e agem tão mal?

Colega - As coisas são tantas que não consigo dizê-las.

(Entra o contra-regra triunfante)

C. Regra - Silêncio! Todos viram o que aconteceu, pois bem, o diretor  
agora sou eu, ouviram? Eu mando aqui!

Todos (num gemido) - Não!

Herói - Fora demônio, deixa-nos em paz! O que querem afinal? O que nós  
fizemos para merecer isto?

C. Regra - Qual é o problema meu querido, qual é o problema?

Herói - Eu tenho nojo da tua cara.

C. Regra - E eu não suporto o teu jeito de bicha. Mas se tem algum  
galho comigo a gente já se acerta agora mesmo. (Eles pre-  
param-se para brigar)

Prostituta 2 - Parem com isso, não sejam crianças. Parem!

Heroína - Vamos embora, essa peça foi amaldiçoada. Vamos para casa.

C. Regra (ordena gritando) - Cena do Cabaret!!

Coro - Há algo que nos aprisiona a este palco,  
não sabemos o que é, porém a resposta deve estar dentro de ca-  
da um dos atores.

(Toca a música "Wellcome" do filme "Cabaret")

C. Regra (de fora, gritando) - Cena do Cabaret!

(Um dos atores pega um cartaz que diz: NOSSO HERÓI VAI AO CABARET,  
enquanto isso todo o elenco assume a condição de prostitutas. O

C. Regra volta ao palco: fala ao público)

Os senhores nos perdoem todos esses contratempos, peço que le-  
vem em conta que, para a maioria dos que aqui estão, esta é a  
primeira vez que sobem num palco. Aí está a maior razão da con-  
fusão que tem se criado aqui em cima. Porém, agora, a cena que nós  
vamos apresentar, sei que vai agradar a todos vocês. É uma cena  
muito legal mesmo. Trata-se de uma visita que nosso herói faz à  
casa de Marieta Saturday, a meretriz mais famosa da cidade. Esta



C. Regra ... de Luta de box) A nossa esquerda: Heroína! A suave heroína que pensando em seu amado, meiga como só uma heroína pode ser, borda uma toalha para o enxoval. É lógico que, desde já ela prepara-se para o grande dia. (pausa) A nossa direita : Marieta Saturday, a última diva da prostituição. (A atriz - faz uma pose sensual ao ser apresentada).

Marieta (para o público) - Oi. Tudo bom turma? Que legal vocês terem vindo, pessoal. Vocês são uma turma tão bacana! É sério. Vocês nem imaginam como a gente fica feliz de ver todas essas carinhas - sadias de vocês aqui em casa. Fiquem à vontade, viu turma?(Parece reconhecer alguém na platéia) Olha só quem tá aí, o Dedeco! (abana) Oi Dedeco! Que fim tu levaste sem vergonha? Sumiu do mapa, nunca mais apareceu. Outro dia eu ainda estava pensando em ti: onde será que se meteu aquele vagabundo? Agora, tu aparece. (Pausa) Mas... pér aí, tu não és o Dedeco, deixa eu ver se lembro o teu no,e. (pensa) Aquiles! Não, não é o Aquiles, mas é muito parecido. Ah, não adianta, esqueci o teu nome, seu picareta. Mas é isso aí turma, podem crer que eu morro de felicidade quando recebo a visita de vocês. Eu adoro ter um monte de amigos: meus fregueses são meus amigos, sabe turma? Ninguém aqui é desconhecido, por isso que a casa está sempre assim, ó (faz o sinal de repleto com os dedos) ... assim ó... Parece até dia santo, sempre tem procissão aí na frente. (olha em torno). Ah, deixa eu apresentar as minhas funcionárias para os que ainda não conhecem. Essa coisa maravilhosa, ali, é a Elizabeta, a outra do lado é a Angélika, Angélika com "k", viu? (As atrizes vão se apresentando à medida que ela as chama, enquanto isso, a heroína borda, pensativa e romântica, vez por outra, pega a foto do herói e contempla). Assim como tem a Liza que é com "z", aqui em casa nós temos a Angélika com "k" não é meu bem? (A atriz solta um grunhido como resposta) Lindona! (para o público) Olha só turma, ela não é um avião? (para o seu conhecido) Hein, Dedeco, Tu já conhecias essa? (para outro) E o senhor, não acha que ela é linda? Não acha? (volta às apresentações) Essa é a Ira. o nome dela mesmo é Elbarira Santos, mas nós trocamos só para Ira, que é um nome que dá "status" para qualquer mulher que se vira. A Ira é de Garopaba, um "hippie" daqueles desgraçou a coitadinha e ela veio para cá. A Ira canta muito bem é a melhor voz da casa. Canta uma coisa para a turma, Ira. Vocês querem ouvir, não querem? (faz com que a platéia responda) Viu? Eles querem. Santa aquela : Amor, Amor. Amor...

Ira (desafinadíssima) - Amor. Amor. Amor estou aqui  
Aqui. Aqui. Aqui. ...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-028



espero por ti  
por ti...

Marieta - Tá chega. Pois é turma todos são benvindos à:

Todos (apoteótico) - "Marieta's Home"

Marieta (cantando) - Um dia um marinheiro ameircano

aqui chegou,

nos saus braços me tomou

e os dias da semana

foi o que ele me ensinou.

Porém, essa língua americana

não é facil nem na cama, pra quem só come banana.

É então de tudo o que estudei,

só ficou na minha memória

Marieta Saturday!

Coro - Marieta Saturday!

Marieta - Sou eu. (Ouve-se a campainha)

Angélika - Marieta, estão batendo.

Marieta - Deixa que eu vou abrir. (Vai até uma porta imaginária onde -  
está parado o herói) Abre. Surpresa.) O herói! Meninas. Me -  
ninas. Vejamquem está aqui. Chegou o herói! (Todas se aproxi -  
mam dele, ele está completamente diferente, é o protótipo do  
malandro, do cara acostumado a ser líder naquele tipo de em -  
biente)

Herói (com falsa modéstia) - Calma. Calma, que é isso? Até fico intimidado.  
(nota Angélika) Ué, temos gente nova aqui? (Angélika tenta se esconder).  
Estamos melhorando, hein?

Marieta - Esta é Angélika, minha nova funcionária. Venha cá angélica, v  
nha conhecer o herói. (Angélica se esquiva)

Herói (ao público) - Não esprravam por esta faceta, hein? Esta é a face  
oculta do herói. (Ri para Angélika) Venha cá boneca, que é isso  
coisinha linda, está com medo do papai?

Heroína (à parte) - Herói. Herói. Onde estarás? Não imaginas o tormento  
é para mim, esses momentos em que estamos lenge um do outro.

Angélika (tímida) - Não quero.

Marieta - Que é isso Angélika? Você nunca foi dessas coisas.

Angélika - Não estou bem, estou com dor de cabeça.

Herói - Vem cá, eu curo a tua dor, vem.

Heroína - Eu morro quando estou longe dele; é isso o amor?

(O Herói aproxima-se de Angélika que tenta afastar-se)

Herói - Sabe que você é linda?

Angélika - Não me toque!

Herói (Violento, vai esbofetá-la) - Vou mostrar-lhe...

Angélika - Não!



Heroína - Que estará ele fazendo? Será que também pensa em mim?

Angélica (decidida) - Está bem, você pediu, pois veja! (Num gesto rápido ela mostra que por baixo de seu traje de prostituta está escrito Melhor Amiga da Heroína)

Herói - Você?!

Heroína - Será que ele também está pensando em mim? Amor...

Angélica - Você agora sabe de tudo, sabe de tudo. (ela chora) Está satisfeito agora?

Herói - Não posso crer, a melhor amiga da heroína desta peça, num papel del, deve haver algum engano, devem ter trocado os papéis, não pode ser.

Angélica - Não, é isso mesmo, eu tenho que fazer esse papel também, não imagina como souro.

Heroína - Ele é o melhor homem do mundo, eu não mereço tanta felicidade.

Herói - Isso não é justo, é uma falta de respeito, você é uma moça direita.

Angélica (tirando a roupa de prostituta e voltando a ser a amiga) - Não se esqueça de que esta é uma peça água-com-açúcar de vanguarda, é um espetáculo underground. E tem que ser assim.

Prostituta 1 - Falta muito para terminar?

Prostituta 2 - Falta. Falta bastante ainda.

(De um lado da cena um dos atores passeia com o cartaz "Fim do 1º ato", sem notar que do lado oposto um outro pegara o cartaz que diz "Fim da 1ª Cena", ambos olham o público cheios de si. Em dado momento, porém, eles deparam um com o outro e vem ameaçadores um sobre o outro, lentamente, estudando um modo de atacar. Ouve-se um ruído de luta fora de cena, todos se voltam para o lado de onde vem os gritos e o choque de espadas. Os dois param, e olham também aturdidos).

Gladiador 1 (de fora) - Covarde! Vou arrancar tuas vísceras.

Gladiador 2 (de fora) - Jamais serei morto pela espada de um romano!

(Gritos e uivos. Ruído de luta. Ambos entram furiosos lutando com espadas de plástico: são dois gladiadores). De repente percebem a presença dos demais atores. Param. Olham ao redor como imbecis).

Gladiador 1 - É aqui que estão apresentando... Cesar e Cleopatra?

Gladiador 2 - Será que nós...

Todos - (com raiva) - Fora! (Os dois saem cabisbaixos comentando:)

Gladiador 1 - Acho que nos enganamos, parece que não é nesse teatro.

Gladiador 2 - Que chato. Vamos ter que dar um pique, senão a gente vai chegar atrasados. (Saem).

Todos (vencidos) - Oh...

(A heroína triste, sentada, contemplativa, olhar distante. O herói aproxima-se dela, senta-se ao seu lado, olham ao longe sem se mexerem durante algum tempo).

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Herói - Você está triste ?

Heroína (distante) - Sim.

Herói - Algo não vai bem ?

Heroína (lamentando-se) - Ainda não me acostumei a idéia de que papá está morto.

Herói - Compreendo.

Heroína - Por que? Por que papá morreu ?

Herói - Ora meu bem, era preciso, né? Senão a peça fica vazia.

Heroína - Pô, se queriam uma tragédia era um de nós que tinha de morrer, não meu pai.

Herói - Entenda, meu anjo, se a gente morresse a peça não teria sentido.

Heroína - Sim, tens razão. O pouco que duramos somente terá sentido - se criarmos, mesmo que nossa ação seja tão consistente quanto as espumas do mar.

Herói - Isso era eu que deveria dizer.

Heroína - Não faz mal, agora eu já disse.

Herói - Como não faz mal? Pensa que eu vou deixar que você tome conta da minha vida?

Heroína - Não precisa gritar, não é? Se faz tanta questão de dizer, repita a fala.

Herói - Agora não há razão para repetir, você bagunçou tudo.

Heroína - Deixe de ser mal educado e me respeite, ao menos na frente dos outros.

(Ambos ficam carrancudos e viram as costas um para o outro)

Cor - O tempo da juventude é tão breve. A vida foge, desaparece entre as estrelas e ainda não amei. Nem pensar, pensei.

Colega - Que haverá na outra margem em meio aos lírios frios?

Contemplo esse lago mudo

Que a brisa estremece

Não sei se pensô em tudo

Ou se tudo me esquece.

(Com uma gargalhada ameaçadora irrompe em cena o Contra-regra - vestido de profeta)

Profeta - Eu vim do Oriente.

Eu vim do Oriente de onde vem todas as coisas,  
onde nasce o dia e a fé.

Do Oriente de luxo,  
fanático e quente.

Do Oriente que desconheço.

Sou feito dos mistérios de Buda, Brama e Siva.

Foi Krishna quem aqui me mandou.

Trago o que cá não tendes e não sois.

Quem quer? Quem quer?

Trago em minha bagagem a riqueza oriental. ...

Profeta - ... Quem quer? Quem quer?

Rapaz 1 - Tá legal cara. Tá legal. Não precisa gritar, só que aqui ninguém tem grana para comprar produtos orientais, a classe teatral andasempre dura, entende?

Rapaz 2 - E tem mais meu camarada, não sei se notou, mas nós estamos no meio de uma representação.

Colega - É melhor dar no pé, a barra aqui está pesada até para monge bu dista.

Profeta (desorientado) - Mas eu faço parte da história também, tenho que dizer uns negócios para o herói e para a heroína.

Herói - Cai fora, não vem encher o saco.

Prostituta 2 - Que horror! Como é que ele entrou? Não tem ninguém cuidando a porta?

Prostituta 1 - Coitadinho, me dá uma pena, ele deve ser meio louco.

Profeta - Não acreditam? Eu sou o profeta, estou no texto, juro. Sou o pai do Mahraj Ji, estudei com o Krishnamurti e tudo.

Heroína (saturada) - Ai meu saco!

Amiga - Por que não vai alguém lá fora chamar a polícia?

Prostituta 1 Não façam isso com o pobrezinho.

Prostituta 2 (delicadamente) - Por favor meu senhor, o senhor se retire pois estamos apresentando uma peça de teatro e o senhor - está atrapalhando, para evitar o pior eu peço que saia. - Espere ali fora, depois nós falamos com o senhor, está bem?

Profeta (alucinado) - Ninguém vai me tirar daqui, eu sou ator como - vocês, não vou sair. (grita) Matem-me! Matem-me, mas eu não - saio.

Amiga - Cuidado, ele está louco. Polícia! Polícia!

(Os homens pegam pedaços de pau e cercam o profeta)

Profeta - Eu vim do Oriente para participar desta peça.

Eu vim trazer minha fé. Não serei expulso. Não serei expulso

(O herói salta sobre ele, derrubando-o. Todos caem em cima dele)

Socorro! Socorro! Parem com isso. Parem!(ele consegue se libertar) Pô, tá legal a gente nem pode brincar com vocês, qual é?

Eu só queria participar da peça também. (Ele começa a tirar a roupa do profeta e a máscara surgindo como o Contra-regra). -

Nunca vi gente tão agressiva, é por isso que eu é que devo man- gar aqui, vocês são todos uns...uns recalçados, uns neuróticos.

Ainda não aprenderam nada sobre a vida. São uns ignorantes!

(para o herói) E você está se sentindo melhor agora?

Herói - Últimamente, na verdade, vivo da comida dos camalões; alimento-me do ar e entupo-me com promessas. Desse jeito não poderás en- gordar capões.

C. Regra - Não entendi essa resposta. Que quer dizer?

Herói - E agora tampouco a mim. Já representast uma vez no ginásio, ...



Herói - ... nãoé?

C. Regra - É isso mesmo. E fui considerado bom ator.

Herói - É que representante?

C. Regra - Júlio César; era assassinado no Capitólio, Brutus me mata-  
va.

Herói - Bem bruto devia ser ele realmente, para matar um burro igno-  
rante como tu.

C. Regra - Bicha desgraçada.

Herói - Eu não sou bicha.

C. Regra - Pode enganar todo mundo, mas não eu.

Prostituta 2 - Não briguem, não briguem. (pega o herói pelo braço) Vem  
para o meu lado, querido, senta-te perto de mim, vamos  
assistir televisão.

(Enquanto a cena se desenrola um ator passeia com um cartaz -  
que diz: EM FRENTE À TELEVISÃO. Os atores se preparam para -  
apresentar o comercial, enquanto outros preparam-se para a -  
cena do filme que eles vão assistir).

EM FRENTE À TELEVISÃO

Herói - Não, minha mãe, o imã desse metal tem mais poder. (indica a -  
heroína) Senhorita, permite que eu sente em seu colo?

Heroína - Não, herói.

Herói - Quero dizer, recostar a cabeça em seu colo!

Heroína - Sim, herói.

Herói - Pensaste que estava usando a linguagem vulgar do campo?

Heroína - Não pensei nada, herói.

Herói - Não deixa de ser uma bela idéia, deitar-se entre as pernas de  
uma donzela,

Heroína - Que idéia! Que pensa que eu sou?

Herói - Nada.

Heroína - O herói está muito alegre hoje.

Herói - Quem, eu?

Heroína - Acaso existe outro herói nesta peça.

(Os atores começam a fazer a mímica de comerciais de T.V. diante  
do público)

Herói - Sou apenas o bobo. Que pode alguém fazer de melhor, a não ser  
fioar alegre? Olha minha mãe, como apresenta o semblante pra -  
zenteiro; no entanto, meu pai morreu há apenas meia hora.

Heroína - Não foi seu pai que morreu, foi o meu. E já fazem quatro -  
meses; seu pai morreu, você ainda era pequeno.

Herói - Tens razão. Então que o diabo vista luto, que eu vou cobrir -  
me de plumas e lantejoalas. Oh céus! Morto há quatro meses e  
ainda não esquecido? Neste caso, há esperanças de que a memó-  
ria de um grande herói sobreviva no mínimo meio ano. O cava-  
lhinho de pau logo fica esquecido quando se descobre como che

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-024

Herói - ...gar ao jardim.

Prostituta ? (ela assume a condição de mãe) - Agora silêncio, vai come  
çar .

(O que é apresentado como o filme é uma pantomina baseada em "As  
Troianas de Eurípedes. A loucura de Cassandra, a dor de Hécuba  
e a morte do filho de Andromaca. A revolta das filhas de Tróia  
contra Helena e a luta contra os soldados romanos).

Heroína - (durante a representação) - Que significa isto herói?

Herói - Significa infortúnio, querida.

Heroína - Não entendo nada do que está acontecendo.

Herói - Verás como os atores logo vão revelar tudo, eles nunca guar  
dam segredos.

Heroína - Vou prestar atenção no filme então.

(Quando vai finalizar a tragédia os atores falam)

Hécuba - Levanta a cabeça deste chão duro,  
infortunada! Apruma teu pescoço.  
Quantas razões eu tenho para chorar,  
mataram meus filhos, meu marido, minha pátria.  
Convém calar? Talvez falar... Chorar...



Coro - Vindo da alta cidadela, repentinamente,  
reboou pela cidade toda um grito horrível de morte. (Grito)

Hécuba - Crianças chorando de medo  
tentavam agarrar-se com as mãozinhas frágeis  
às roupas das mães apavoradas.  
A guerra desferia o golpe;  
a trama torpe se evidenciou  
e a morte completou sua obra.

Coro - Em toda a cidade começou a trágica e final carnificina.  
De nossa terra só restou a ruína,  
a glória demente dos inimigos,  
e apenas o luto de nós que a choramos.

Hécuba - Levai-me logo, trêmulos membros  
Guiai-me nesta marcha forçada.  
Partamos para a jornada triste  
que nos transformará em escravos...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

Coro - Adeus, pátria infeliz! Andemos!  
Caminhemos, forcemos os pés  
nesta marcha para a casa de nossos inimigos...

Herói - Que tal acha o filme minha mãe?

Prostituta ? - Parece-me pesado demais para o meu gosto.

Herói - Não passa de um brinquedo, matam por brinquedo; tudo é fictí  
cio, isto não existe no mundo.

Heroína - Como se intitulava o filme?

Herói - "A Retoeira"; mas se ve logo que é uma simples metáfora.

(Neste momento, por entre o cenário, do fundo, surge um espectro, ele vem furioso)

Prostituta 2 - Céus! O Diabo invadiu o teatro!

Heroína - Um fantasma!

Espectro - Basta! Basta! Irreverentes!

Herói - Não nos mate, não nos mate, não foi por querer, estava no texto.

Espectro - Há algo de podre sobre esta casa!

Herói - A culpa é do autor.

Espectro - Reconheces então a infâmia de tua atitude?

Herói - Sim. Sim. Eu sabia desde o início.

Heroína - Por Deus, o que está acontecendo aqui? Não estou entendendo nada.

Prostituta 2 - Quem é esta alma penada que chega assim de repente?

Espectro - Minha senhora, sou o espírito do pai de Hamlet, eternamente a vagar durante a noite e de dia jejuar na chama ardente. Por muitos anos estive condenado a deslocar-me de um lado a outro na Dinamarca. Porém, após a tragédia que destruiu minha família, o tormento de estar naquelas terras era penoso demais e resolvi então correr o mundo. Viajei ao Paquistão, Calcutá, Tóquio, Paris, Berlin e centenas de outros lugares, ao sabor dos ventos. Quando estive com os Ibanas habitantes do sul de Bornéu, ouvi falar muito das belezas e progresso brasileiro, me decidi então a conhecer a América do Sul, e, principalmente o Brasil, esse país lindo cheio de riquezas, de desenvolvimento, de alegria. (mudando de tom) Pois veja, então, a senhora, que ainda há pouco, ao passar por aqui, na minha ronda habitual, que visa estudar os costumes do homem deste século, que são assaz estranhos, diga-se de passagem, ouvi palavras que me pareciam familiares; o que diziam eu já ouvira há muitas décadas atrás; minha dama: eram as palavras de meu filho Hamlet, que chegavam aos meus ouvidos, ouvi também falar de Gertrudes minha esposa traidora, e a finada pequena Ofélia. Encociei-me. Entrei; qual não foi minha surpresa ao deparar com uma troupe de subdesenvolvidos a plagiar a história que, com minha autorização, o falecido William Shakespeare escreveu. Sim, milady era um vil plágio da catástrofe que destruiu nessa dinastia. Isto é um crime hediondo e podre. Há algo de podre neste teatro: Você! (acusa o herói)

Herói - Eu? Oh Deus!

Espectro - Não direi que usem Hamlet de maneira tão vergonhosa e ignóbil, num plágio de baixa categoria.

Herói - (ri sem graça) - Plágio?!

Espectro - Sim hipócrita. Como pode um homem sorrir e ser infame ao...



Espectro - ...mesmo tempo? Expliquem-me! Em todos esses anos ainda não pude entender.

Herói - Perdão, Majestade, perdão.

Prostituta 2 - Por favor, mylord, trata-se de um terrível engano, não era nossa intenção usar o nome de vossa família de maneira irreverente, como pode vos parecer. Quem somos nós, simples saltimbancos, para querermos igualar-nos à família real da Dinamarca?

Espectro - Vossa sabedoria me toca, cara senhora, fosse eu ainda rei e sereis marquesa em minha corte.

Prostituta 2 - (breve reverência) - Obrigada, meu amo, não mereço tanta honra.

Coro (cantando) - Marieta Saturday! Marieta Saturday!

Espectro - Pressinto o ar da manhã. (Dirige-se à heróina que ainda não se levanta, permanece num canto). Ergue-te minha filha, não farei mal a ti ou aos teus colegas, sei muito bem que são os seus diuques e o trabalho que desenvolvem é muito importante para a sociedade, não foram eles que desventuraram a infância, que causou a minha morte? Não tenho motivo para odiá-los, ao contrário, admiro vossa profissão pois ela requer muita visão do mundo em que se vive, bem, não temas se estou participando da peça é somente para esclarecer ao público que a cena apresentada a pouco é baseada na obra Hamlet, de Shakespeare. Coisas de um jovem autor, entende?

Heróina - É difícil distinguir o bom em meio à turba. Sabemos, senhor, o que somos, mas não o que viramos a ser; se temi, não foi a vós, mas minha própria fraqueza. Tenho medo de um dia ser o que foi Gertrudes.

Espectro - Minha querida Ofélia. (abraça-a) Dos meus virá o castigo fica tranquila, assim sempre foi e será até a eternidade. Agora adeus. O relâmpago anuncia-me a aurora; seu fogo me tivo e empalidece. Devo ir, amanhã cedo devo partir para Argentina, quero conhecer um certo senhor Perón que por ainda reinando de maneira duvidosa, não vejo a hora de avisar-me com esse cidadão, que dizem, é um espectro como eu. Deve ser um tipo interessante. Mas a madrugada já substituiu a noite. Adeus. Lembrem-se de mim. (Desaparece)

(O herói vai saindo pelo lado oposto)

Heróina - Onde vais, herói.

Herói - Preciso ir no banheiro. (Sai)

Napas 1 - Para o teatro amador essa cena saiu muito boa, meus parabéns.

Napas 2 - Tava genial.

Prostituta 1 - Eu fiquei toda arrepiada.



COM CORTES

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Colega - Será que eu posso fazer a minha cena agora?

Prostituta 2 - Acho que pode, em todo caso é melhor falar com o contra rega antes, senão já viu, né?

Colega - Não, com ele eu não falo.

Amiga - Faz logo, não dá bola.

Colega - Será que fica tem apresentá-la agora?

Heroína - Claro que fica, vai logo.

(O herói entra)

Colega - Herói, será que você poderia fazer a introdução da minha cena?

Herói - Eu? Eu nem sei como é o texto.

Amiga - Faz você mesmo a apresentação.

Colega - É, é melhor mesmo, eu faço sizzinha. (Ela prepara-se ajeita os cabelos e a roupa. A Prostituta 1 desespera-se).

Prostituta 2 - Não. Não faça isto, por favor, não destura tudo.

Prostituta 1 - Nossa! Que é isso? Acabo de não entender.

Colega (para a prostituta 2) - Me larga.

Rapaz 1 - Chega! Se deve ser assim, não adianta tentar deter o destino.

Prostituta 2 - Vai destruir a todos, não estás vendo?

Rapaz 1 - ,Como és tola, nós já fomos destruídos. (Ri amargurado)

Prostituta 1 - De que estão falando? Me expliquem o que está acontecendo?

Colega - Alguém faça a introdução para a minha cena.

Coro - A nossa felicidade depende do nosso discernimento.

Não passamos de uma máquina fracassada.

Prostituta 2 - Um animal que come. (fraca) Que come...que come...

Colega (com raiva) - Calem-se! Quero fazer minha cena.

Heroína (distante, como louca) - A claridade divina ... a... claridade... o ar, vestido lúcido de terra!... Terra... quantos lamentos... quantos lamentos ouves. (Ri).

Colega (para o público) - Eu vou apresentar o Monólogo da Colega de Heroína, eu sou a colega dela (aponta a Heroína aloucada), portanto, este é o meu monólogo. Eis-me pois chegando à casa de minha colega, ela me convidou para tomar chá. É domingo e está calor. Eu moro do outro lado da cidade, para chegar aqui tive de tomar dois ônibus.

Prostituta 2 (geme) - Não!

Colega - Vou bater. (Imita o ruído de batidas delicadas com a voz) Pom Pom. Pom. (Os atores batem forte, simultaneamente, num som de expectativa). Pom. Pom. Pom. (pausa. Ela fala como se estivesse decorado mal o texto) Estranho! Parece não haver ninguém em casa. Será que a porta está aberta? (abre a porta imaginária). Está. Vejam só como essa guria é descuidada. Que falta de responsabilidade! Não sei como tem gente que ainda tem coragem -



Colega - ... de dar o papel principal para esse tipo de pessoa.

Amiga (do fundo) - Cala boca imbecil. Se a porta estivesse fechada, você seria obrigada a voltar para casa, e não teria chance de fazer o seu monólogo xarope.

Colega (ingênua) - E... Você tem razão. (retoma o texto) Graças a Deus! Ainda bem que a porta está aberta. Felizmente a heroína é des- cuidada, assim poderei entrar e esperá-la aqui dentro. Não - tem como ser rico, ela tem até ar condicionado em sua casa. E esse bairro é tão fino; as casas são belíssimas.

Prostituta 2 (desesperada interrompe-a) - Volte para casa, não faça isso. Volta.

(Dois atores pegam-na e a levam para o fundo)

Prostituta 1 - Coitadinha, não façam assim com ela, está nervosa.

Colega (fazendo esforço para manter-se natural) - Para tornar meu drama de moça pobre ainda maior, tive de pegar dois ônibus super lotados, pois hoje há jogo. E eu vim espremida entre braços e pernas suarentos e terrivelmente sensuais. Um negro de bermu- das brancas coladas em suas coxas peludas... e... aqueles olhos azuis... sentado... de bigode. Tive vontade de acariciar aque- les cabelos louros que voavam roçando meu braço. E o ônibus a e correr... correr... e os corpos de suor colavam-se ao meu ... e o suor a correr... (Ela volta a si) A heroína me convidou - para o chá, para que eu possa conhecer seu namorado, só que eu já o conheço.

C. Regra - Preparem-se para o desenlace, amigos. Atração começou a rondar o palco desse teatro. A sujeira mistura-se à inveja para que o final seja uma trama sangrenta. (para a colega) Eu te proíbo de usares teu veneno de maneira incontida. O mal que deves causar, não deve ser maior que a destruição - deste amor entre herói e heroína.

Todos (gemem) - Não!

Colega - Sai daqui, estúpido! Sei que o meu papel nesta peça não é gran- de coisa, porém eu vou querer me destacar pela traição ou pela mentria. Posso ser pobre, mas tenho honra, viu?

C. Regra - Eu conheço o texto beleza. Eu conheço o texto e sei que tu és capaz de fazer por um homem. Mas ó... aí vem o herói.

(Entra o herói apenas de calção enxugando-se como se saísse do - banho. O C. Regra sai).

Colega - (recatada, fingida) - Oh...

Herói - Oh...

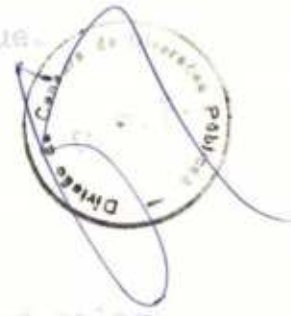
Colega - Pensei que não houvesse ninguém aqui.

Herói - Estava tomando banho.

Colega - Sua namorada não está?

Herói - Foi ao cemitério.

Herói - ...  
Colega - ...  
Herói (desolado) - Você vai embora, então? ...  
Colega - Não vou ...  
Herói - ... que está com medo de mim?  
Colega (surpreso, apreensivo) - Não. É que eu sei disso, eu por você ...  
Herói - Tudo que, tudo mesmo?  
Colega - A verdade vai chegar bem na hora e ...  
Herói - Você não sabe que ...  
Colega - Você não sabe que ...  
Herói - A heróica nunca me falou de você.  
Colega - ... que ela sabe do que eu sou capaz. Me sirva um uísque.  
Herói - Com gelo?  
Colega - ...  
Herói - ...  
Colega (nervosa) - ... que eu não sou amiga, eu sou só colega, só colega.  
Herói - ...  
Colega - Foi você quem pediu. (Abreça-a com toda a força, cessa no chão. As luzes se apagam).  
Heróica (entrando no escuro) - Quer saber daí quem está aqui? Herói é você, não é amor? (As luzes acendem-se, o Herói e a Colega ainda estão no chão) Ah! Desgraçados!  
Colega (arrumando-se) - Eu fiz o possível, mas ela insistiu. Eles em ...  
Heróica - Cretinos. Vegabundos. Nojentos.  
Herói - Eu não pude resistir, ela me tentou e afinal eu sou homem, né?  
Heróica - RUÁ! Saíam daqui. Saíam!  
Colega - Eu juro que só vim para o chão.  
Heróica - Sáia! Sáia! (Quebra coisas à sua volta. De dois sacos; ela deixa-se cair abandonada, chorando, imobilizada depois o herói volta)  
Herói - (medroso) - Posso pegar minhas roupas que ficaram no banheiro?  
Heróica - Sua ou já disse? (Ela sai).  
(As luzes correm. Uma música enfada anuncia a chegada do ...  
Herói)



C. Regra - Bem feito. Bem feito. Todos metidos a sabidões e no fundo não passam de um bando de vadios. Têm que se ralar. Têm que se ralar. (nota o público) Oh. Vocês viram, não viram? O que é que eu tinha dito? Estava escrito. É do texto, não adianta querer fugir, só que agora eu não sei como é que vai terminar essa joça, o final é xarope, um saco. Vou dar um telefonema. (sai)

Coro - Todos sabemos que a mulher é um tipo instável e de reações imprevisíveis. Não existe na natureza um espécime tão complexo e com o modo tão estranho de sentir como a mulher. Para ela nós criamos a Colonia Bilboque, um perfume que acompanha as metamorfoses da alma feminina. Bilboque odoriza seu estado emocional e dá personalidade para quem não tem. Bilboque acompanha a intenção do seu olhar.

Estréla do Cinema - Minha querida, não seja idióta, faça o filme e mais oito estrélas do cinema: Use Bilboque.

Coro - Enã pergunte porque!

Rapaz 1 - E agora passamos a apresentar mais um capítulo da emocionante novela: Herói e Heroína. (Música. Um ator passeia com o cartaz: A Queda de Um Herói. O Contra-Regra entra).

C. Regra - Depois do ato vil que destruiu o amor que mantinha de pé nos se história, eis ali o herói tombado na lama do desespero, pelos seus olhos, v-se logo que transformou-se em mais uma vítima da cachaca. Arrasta-se como um inváido pelas ruas da metrópole aqueleque antes fora o sonho das moças desta cidade. Pobre rapaz, mal sabe que o remédio para o tédio é outro acéidio.

(Os atores, distantes, passam por ele, como pessoas na rua, sem prestar-lhe atenção. O Herói rasteja, pedindo ajuda. Tenta erguer-se e cai, buscando uma saída, não encontra).

Herói - (grita) - Ah... Perdoai-me eu não sei o que faço. (Todos param). Surge nas trevas um ponto de luz que se aproxima para mostrar-me, com seus raios luminosos, o pó que tem alimentado meu corpoinválido. Que espécie de homem sou eu rastejando junto ao chão qual uma ave ferida pela arma do caçador? Porém, em minha história eu sou minha própria caça e caçador, na minha passividade, encontro minha destruição. Perdoai-me eu não sei o que faço.

(Entra em cena com uma música celestial um anjo que docemente aproxima-se do herói que chora).

Anjo - Ergue-te da terra homem-criança, não te deixes abater ao primeiro golpe. Eis aqui a cálice do discernimento, se me ouvires, bebe do líquido que há nele, só então conhecerás a verdade.

Herói - O álcool substitui em minha boca o sabor dos beijos de minha



Herói - ... amada, Anjo, se queres, passa a mim este cálice de verdade contudo, não se faça a minha vontade, e, sim a tua. (Ele bebe e chora) Não, (todos choram à sua volta) por favor, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmos e por vossos filhos. Tudo o que surge em minha frente é lindo demais para que eu seja lastimado.

Prostituta 1 - Herói, não entendo muito da coisa, porém, lembra-te de mim quando findar tua dor.

Herói - Em verdade, pureza, te digo que farás parte da minha vida. Anjo, em tuas mãos entrego meu espírito, transforma o animal em homem genuíno, faz-me conhecer a justiça absoluta e encontra a emancipação de minha alma.

Anjo - Assim como foste tua própria caça e caçador, assim serás meu operário e patrão de agora em diante. Não serei eu a te conduzir o primeiro passo para tua emancipação, será dado quando compreenderes que não precisas de um cão para guiar-te em tua cegueira, pois se não consegues ver é porque fechaste os olhos, abra-os e saberás te conduzir. Esquece o fantasma da submissão que faz de ti um fantoche, não um ser pleno e consciente.

Herói - Jamais serei isso anjo, jamais.

Anjo - Então estás aleijado para sempre. Se queres, esta é a única chance que te dou; dá-me tua mão e acompanha-me, pois um novo dia começa a nascer e antes de estar alto o sol, deves ter iniciado tua caminhada.

Herói - Será este o dia do entendimento?

Anjo - Viva-o e depois saberás a resposta. Vamos, vamos depressa, é pequeno demais para que o tempo pare por tua causa. (saem).

Coro - Somos pequenos demais para que o tempo pare por nossa causa. - Quo vadis? Quo vadis? Vadis. Vadis. Quo. Veni. Vidi. Quo? Vero.  
(A heroína entra)

Todos - O herói partiu. O herói partiu. O herói partiu.

Amiga (aproximando-se dela) - O herói partiu.

Heroína - Para onde foi?

Amiga - não sabemos.

Todos - Partiu. Partiu.

(Toca a música do início da peça)

Rapaz 1 - Quanta noite à nossa volta! Nossa alma ferida cai num poço e sem fim, pobre herói que já vem, pobre eterno Ulisses!

Rapaz 2 - Ah, eis o novo Apolo, que desconhece os muros escorregadios da vida.

Rapaz 3 - Quem jamais viu, jamais poderá saber que a luz e a harmonia nunca poderão unir-se.

Rapaz 1 - Vamos sentar...

Rapaz 2 - Vou dormir...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Heróina - 2; ad. a heroína causa peg...

Prostituta 2 (para prostituta 1) - Aí falou: "o que vai terminar? Não é  
jeito eu vou acabar perdendo o meu espetáculo

(Lentamente a prostituta 2 se aproxima da prostituta 1 e pega na cintura que  
diz Fin)

Prostituta 2 - Acho que agora já se pode terminar, o que tinha que a-  
contecer, já aconteceu. (Ela se coloca no meio do palco  
com o cartaz. Os atores que haviam assumido a posição de  
início da peça começam a perguntarem-se e a fazerem at-  
ual, sem saber se é mesmo o fim. A cortina ameaça fe-  
char-se mas não fecha).

Prostituta 2 (para o público) - É o fim gente.

(Esperar a reação do público até dar entrada para o C. Regra)

C. Regra (afobado) - Espera aí. Espera aí. Ainda não terminou esse  
vagabundo (mostra a prostituta 2) não sabe nada de teatro.  
Como sou eu o apresentador, contra-regra e diretor desse espe-  
táculo, resolvi modificar, com a ajuda do autor dessa peça,  
o final desse negócio. Esse troço ficou muito xarope e sem  
sentido, a peça saiu toda errada, e para não deixar vocês  
frustrados, o que eu acho uma falha de consideração, telefo-  
nei às pressas para o autor para que ele viesse até aqui arru-  
mar o final do espetáculo e eis que me apresento o criador  
de Herói e Heroína. Senhoras e senhores. (Ele aponta para o  
fim, ou fundo da sala onde entra um ator fazendo o gênero de  
intelectual burguês, bem vestido e cheio de si, desdenhoso,  
egocêntrico e narcisista. Ele caminha até o palco scanado com  
a cabeça para o público).

- Palmas para ele, senhores, palmas para o gênio da literatura na-  
cional.

(O C. Regra aplaude entusiasmado. O autor sobe no palco. Os atores  
vão saindo).

Autor (para o C. Regra) - Traga-me um espelho, por favor. (O C. Regra  
busca rápido. O autor olha-se, arruma os cabelos. Dá o espelho  
para o C. Regra segurar, espreme uma espinha do rosto, levanta  
os lábios, limpa os dentes, pigarreja, cospe no chão para trás)  
Primeiramente, obrigado por terem vindo assistir minha peça. A-  
pesar de todos os imprevisto dessa apresentação creio que a mes-  
sagem que eu procuro transmitir neste texto foi entendida. He-  
rói e Heroína nada mais é que um libelo. Um grão contra as que-  
ras, a fome e a miséria causada pelo egoísmo do homem atual. Es-  
ta peça tem um sentido anti-apocalíptico dialético surrealista  
e banal. Pode ter parecido simplório aos olhos da maioria, po-  
rém a extensão de linguagem não é melhor do que a visão dos  
pensamentos, e regras da metafísica corrompem a precisão da





Autor - ... secularismo da obra-prima. A pesquisa científica está presente em Herói e Heroína como em toda a análise de formula matemática e racional.

Todavia, mesmo sabedor de que se disse foi compreendido, por solicitação do senhor contra-regra, resolvi apresentar um outro final que servirá que servirá para alegrar o ambiente simplesmente, ou então, passará a ser o fial dos possíveis não entendedores da peça. Assim, Com o meu sincero muito obrigado, acrescento o novo final de Herói e Heroína.

(Toca a Marcha Nupcial de Mendelson. Pela platéia entram os atores em alegre cortejo, jogando papel picado, atrás, entram os noivos: Herói e Heroína. Dirigem-se para o palco onde o C. Regra assume o papel de Juiz. Fazem a encenação do casamento).

Herói (para o Juiz) - Sim.

Heroína - Sim .

(Final do casamento; todos se abraçam cantando "Deus salve a América).

FIM

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025